

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Departamento de Comunicação
Curso de Jornalismo

Débora Thayane de Oliveira Lapa Gadret

O TELEJORNALISMO NA ESTRADA:
PODER E MITO NA CARAVANA JN

Porto Alegre

2006

Débora Thayane de Oliveira Lapa Gadret

**O TELEJORNALISMO NA ESTRADA:
PODER E MITO NA CARAVANA JN**

Monografia apresentada como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob orientação do Professor Flávio Antônio Camargo Porcello, do Curso de Jornalismo, Departamento de Comunicação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre

2006

Para minha mãe, Jane, pelo apoio incondicional.
Aos meus pais, Mima e Paulinho, pelas lições de vida.
Ao meu namorado, Marcelo, pelo incentivo e conforto.

Agradeço ao meu orientador, Flávio Porcello, pela
crença no trabalho e pelo constante incentivo.
Ao professor Kleber Ferreira, pelas oportunidades de
aprendizado dentro da faculdade.

RESUMO

Estudo sobre a *Caravana JN* e a série *Desejos do Brasil*, projeto da Rede Globo que antecedeu o primeiro turno das eleições 2006. Através do método Dialético Histórico-Estrutural (DHE) e da pesquisa semiológica, serão analisadas doze matérias produzidas pela equipe do telejornal, comandada por Pedro Bial. Para isso, aplicam-se quatro categorias desenvolvidas por Roland Barthes – Poder, Mito, *Fait Divers* e Discurso – e o conceito de Fato-Ônibus, de Pierre Bourdieu. Os objetivos principais são inferir como a emissora utilizou seu Poder durante o período de campanhas eleitorais e de que maneira a série contribuiu para reificar os Mitos regionais.

Palavras-chave: Mito, Poder, Caravana JN, Desejos do Brasil, séries.

ESPELHO

1. Vinheta de Abertura.....	07
2. Escalada.....	11
2.1 Panorama Histórico.....	11
2.1.1 <i>O Brasil na Rede Globo.....</i>	11
2.1.2 <i>JN: campeão sem concorrência.....</i>	13
2.1.3 <i>Séries brasileiras.....</i>	14
2.2 Olhar Teórico.....	15
2.3 Procedimentos Metodológicos.....	23
3. Veja a Seguir: Desejos do Brasil.....	29
3.1 Região Sul.....	29
3.1.1 <i>São Miguel das Missões/ Rio Grande do Sul.....</i>	29
3.1.2 <i>Nova Pádua/ Rio Grande do Sul.....</i>	29
3.2 Região Sudeste.....	34
3.2.1 <i>Brodowski/ São Paulo.....</i>	34
3.2.2 <i>Três Rios/ Rio de Janeiro.....</i>	36
3.3 Região Nordeste.....	38
3.3.1 <i>Petrolina/ Pernambuco.....</i>	38
3.3.2 <i>Exu/ Pernambuco.....</i>	40
3.3.3 <i>Riachão/ Maranhão.....</i>	42
3.3.4 <i>BR-316/ Maranhão-Pará.....</i>	44
3.4 Região Norte.....	46
3.4.1 <i>Santarém/ Pará.....</i>	46
3.4.2 <i>Rio Amazonas/ Amazonas.....</i>	48
3.5 Região Centro-Oeste.....	50
3.5.1 <i>Fazendas em Goiás e Mato Grosso.....</i>	50
3.5.2 <i>Brasília/ Distrito Federal.....</i>	52
4. Vinheta de Encerramento.....	56
Referências.....	59
Créditos Finais.....	62

1. VINHETA DE ABERTURA

Tendo em vista que o objeto de estudo deste trabalho são as matérias produzidas pela *Caravana JN* e exibidas no telejornal de maior audiência do país, peço licença para alterar os padrões acadêmicos tradicionais e nomear os capítulos integrantes desta monografia com termos específicos do gênero. Por isso, no sumário, lê-se Espelho, e a apresentação chama-se Vinheta de Abertura. As seções histórica, teórica e metodológica reúnem-se na Escalada e o desenvolvimento encontra-se sob a nomenclatura *Veja a Seguir: Desejos do Brasil*. Segue-se, então, a conclusão, intitulada Vinheta de Encerramento, e os anexos, chamados de Créditos Finais.

A *Caravana JN* e o seu produto – a série *Desejos do Brasil* – foi desenvolvida pela Central Globo de Jornalismo (CGJ) e anunciada como parte integrante da cobertura das Eleições 2006 pelo *Jornal Nacional*. No dia 26 de julho, ao ser exibida uma reportagem no telejornal apresentando o ônibus no qual a equipe estava partindo para viagem, William Bonner abre a cabeça da matéria da seguinte forma: “Já está na estrada o novo projeto da Rede Globo nas eleições 2006. A partir de segunda-feira e até a véspera da votação, uma equipe de jornalistas e de técnicos vai percorrer as cinco regiões do Brasil”.

Parece, por essa afirmação, que a emissora apresentaria algo parecido com o *Election Express*, ônibus da CNN norte-americana que percorreu os Estados Unidos acompanhando debates e campanhas dos candidatos à presidência do país em 2004. O que pretendemos mostrar na presente pesquisa é que aquilo que estava sendo mostrado pela Rede Globo como vinculado diretamente ao pleito, na verdade, não tratou sobre política, mas revelou estar conectado ao Poder de forma muito mais sutil do que o esperado.

Foram dois meses de viagem na *Caravana JN* – que começou em 31 de julho e terminou em 29 de setembro de 2006 –, num total de 53 reportagens feitas por Pedro Bial, que formam a série *Desejos do Brasil*. Oito matérias foram realizadas na região Sul, nove no Sudeste, dezoito no Nordeste, dez no Norte e oito no Centro-Oeste. Ou seja, mais de 30% do conteúdo foi produzido no Nordeste, região com maior número de estados do país.

Tanto no Nordeste, quanto no Norte – que possuem maior número de matérias neste projeto da emissora –, Lula teria vencido as eleições presidenciais no primeiro turno. O candidato do PT superou Alckmin nos nove estados do Nordeste e ficou com 59,76% dos votos; contra 23,40% do candidato do PSDB. No Norte, Lula obteve 52,69% dos votos; e Alckmin, 34,19%. No Sudeste, o petista conquistou apenas 39,67%; atrás do tucano, com 41,45%. No Centro Oeste, Lula obteve 35,88% e no Sul, somente 32,49% (ZERO HORA, 04 de outubro de 2006). O resultado nacional foi de 48,61% para Lula e 41,64% para Alckmin (FOLHA ONLINE, 31/10/2006).

A cada quinze dias de viagem, o *JN* era ancorado parte no estúdio, parte em uma cidade do interior do país – cada vez em uma região–, onde estavam presentes a equipe da *Caravana JN* e um dos apresentadores principais do telejornal: William Bonner ou Fátima Bernardes. Nessas transmissões, a emissora afiliada da Rede Globo em cada região e/ou estado produzia matérias com índices da localidade, como IDH, PIB, taxa de natalidade, entre outros.

A primeira transmissão foi feita no dia 31 de julho, de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, por William Bonner. A segunda aconteceu em 14 de agosto em Ouro Preto, Minas Gerais, onde estava Fátima Bernardes (única transmissão da jornalista). Bonner juntou-se novamente a Bial em 28 de agosto em Petrolina, Pernambuco; e também no dia 29, em Juazeiro do Norte, no Ceará – com duas ancoragens consecutivas na região Nordeste. No dia 11 de setembro foi a vez de Belém do Pará. Em 25 do mesmo mês, Bonner viajou para Cidade de Goiás, em Goiás. Para encerrar a *Caravana JN* – que passou a maior parte do tempo na estrada, em um ônibus, mas também se deslocou de barco e avião no Norte do país –, Pedro Bial fez uma transmissão ao vivo de Brasília, no dia 29 de setembro, antevéspera do primeiro turno.

Essa predileção pelo Nordeste nos remete a primeira categoria de Barthes que será utilizada no presente estudo como parte do olhar teórico: o Poder. Pretendemos observar como a Rede Globo, através da *Caravana JN*, relaciona-se com o Poder vigente e como essa relação pode ser alterada por determinados acontecimentos; como por motivos econômicos ou pela descoberta do dossiê contra os tucanos, por exemplo. Não é por acaso que, no Nordeste, Lula teria vitória em primeiro turno. Segundo a própria comentarista da Rede Globo, Miriam Leitão, a farta distribuição de renda através do programa Bolsa Família e o aumento da

capacidade de compra no Nordeste, devido à inflação baixa, ajudou o presidente a conquistar votos na região. O câmbio baixo, entretanto, o fez perder eleitores no Centro-Oeste e no Sul, já que esse prejudica a exportação agrícola, atividade de destaque nas localidades (LEITÃO, 03/10/2006).

Visto isso, não é difícil entender que a *Caravana JN* tenha priorizado o Nordeste em suas matérias para manter-se alinhada com Lula no momento em que as pesquisas indicavam sua vitória sobre Geraldo Alckmin já no primeiro turno. Quando o escândalo do dossiê estorou e percebendo a possibilidade de Lula não comparecer ao debate da Rede Globo, a *Caravana JN* encontrava-se no Centro-Oeste e expunha em suas matérias o descontentamento do produtor de gado da região, prejudicado em sua exportação, o que será analisado ao longo do trabalho.

Esta observação referente ao Poder relaciona-se diretamente com o Discurso, categoria de Barthes que fará parte deste estudo. Para o autor, o Discurso da Mídia é sempre hegemônico e dominante, por isso, estará sempre ligado ao Poder. Aqui, pretendemos analisar como esse Discurso, reunido em palavras e imagens, conecta-se ao Poder, mesmo com a bandeira de isenção e imparcialidade que a emissora levanta com tanto orgulho em relação às suas práticas jornalísticas. Sobre a *Caravana JN*, Nirlando Beirão, da Carta Capital, observou: “nem parece que a Globo tem aí algum interesse em jogo” (BEIRÃO, 23 de agosto de 2006).

Tencionamos observar também que a *Caravana JN* e a série *Desejos do Brasil* mostraram o que Mário Marona, ex-editor do telejornal, chamou de “notícias dos povos da floresta” – “matérias feitas pelas afiliadas da Rede Globo sobre fatos da vida do interior do Brasil – e “matérias chinelinho” – “VTs sobre gente que enfrentava enormes dificuldades para sobreviver” –, que segundo ele, são “duas expressões bem-humoradas que a redação do *JN* usava para se referir a reportagens que fugiam da agenda dos jornais diários” (MARONA, 01/08/2006). Essas expressões, nascidas dentro do veículo de comunicação, são traduzidas de forma acadêmica por Barthes e Bourdieu, ao estudarem os *Fait Divers* e os *Fatos-Ônibus*, respectivamente – conceitos que também serão utilizados no trabalho.

Através do *Fait Divers* aparece a última categoria de Barthes a ser aplicada: o Mito. Tencionamos revelar que o objetivo das matérias da *Caravana JN* foi apenas o de reificar os Mitos de cada região, mostrando o desenvolvimento da população do Sul, o caráter industrial e empresarial do Sudeste, o sofrimento do Nordeste, a

pobreza do povo do Norte e suas riquezas naturais, e a importância agroindustrial do Centro-Oeste.

Pedro Bial – contrariando o editor-chefe William Bonner e dispensando as gírias das redações mencionadas por Marona –, no seu primeiro texto no blog da *Caravana JN*, datado de 31 de julho, assume que a expedição de sua equipe pelo Brasil não está diretamente relacionada com as eleições: “a nossa caravana pretende trazer informações e motivos para sonhar fundo” e não “fazer um inventário melancólico de nossas perdas”. Apelidada de *Priscilão* por outros veículos da mídia, em referência ao filme “Priscila, A Rainha do Deserto”, Bial, neste texto, prefere chamar o ônibus azul de *Caravana Rolidei*, remetendo-se “ao belo filme do meu sogro, Cacá Diegues, ‘Bye Bye Brasil’”. Neste estudo, o blog hospedado no endereço eletrônico do *Jornal Nacional* será citado para esclarecer alguns aspectos da expedição e da série. Entretanto, ele não é objeto do trabalho, merecendo um processo de análise separado deste, que tem como foco as matérias da série *Desejos do Brasil*.

O que se pretende com essa pesquisa é mostrar que, apesar de não tocar diretamente na política, o Discurso das matérias da *Caravana JN* tem um tom político e relacionado ao Poder. Através do método Dialético Histórico-Estrutural e da semiologia barthesiana, visamos responder quatro perguntas – De que forma a Rede Globo alia-se ao Poder vigente? Como o Discurso foi utilizado para transmitir conteúdos ideológicos? Como o *Jornal Nacional* usa os *Fait Divers* e os Fatos-Ônibus para desviar a atenção da audiência e pautar as discussões eleitorais entre os candidatos? Quais são os Mitos reforçados pela *Caravana JN*?

Para isso, serão analisadas 12 reportagens da série *Desejos do Brasil*: quatro do Nordeste – visto que foram feitas ali o maior número de matérias – e duas das demais regiões. Seguiremos o roteiro percorrido pela equipe do *Jornal Nacional*, analisando Sul, Sudeste, Nordeste, Norte e Centro-Oeste, respectivamente. No Sul, iremos nos focar nas edições de 31 de julho (São Miguel das Missões/RS) e 02 de Agosto (Nova Pádua/RS). No Sudeste, nas matérias do dia 10 (Brodowski/SP) e 15 de agosto (Três Rios/RJ). No Nordeste, analisaremos as edições de 28 (Petrolina/PE) e 30 de agosto (Exu/PE), e de 06 (Riachão/MA) e 08 de setembro (BR-316 – trecho que liga Maranhão e Pará). No Norte, serão observadas as reportagens de 16 (Santarém/PA) e 19 de outubro (Rio Amazonas/AM) e, no Centro Oeste, os dias 26 (fazendas de Goiás e Mato Grosso) e 29 de outubro (Brasília/DF).

2. ESCALADA

Neste capítulo iremos apresentar um breve histórico da Rede Globo e do *Jornal Nacional*, dando ênfase para as séries já exibidas no telejornal. Logo após, explicaremos o olhar teórico utilizado no trabalho, assim como sua metodologia.

2.1 *Panorama Histórico*

A história da Rede Globo e do *Jornal Nacional* estão muito bem documentadas em livros, teses e dissertações de pesquisadores da televisão e do jornalismo, portanto, não se faz necessário fazer um resgate minucioso da temática neste trabalho. O que será apresentado é a visão da própria emissora sobre sua trajetória e seu principal telejornal, evidenciando seu sentimento de representante oficial do povo brasileiro.

2.1.1 *O Brasil na Rede Globo*

Segundo o site da Globo (<http://redeglobo3.globo.com/institucional/>), a Rede possui atualmente 121 emissoras entre geradoras e afiliadas e pode ser assistida em 99,84% do território nacional. Por essa abrangência, no mesmo documento eletrônico, a empresa se intitula “a lente que perpassa o mundo em busca de imagens do nosso Brasil para a telinha” e acredita ser representativa do país e de sua população, criando, portanto, o slogan “A gente se vê por aqui”.

Com concessão outorgada durante o governo de Juscelino Kubitscek, a TV Globo do Rio de Janeiro fez sua primeira transmissão em 26 de abril de 1965, pouco mais de um ano após o golpe militar. Junto com outras concessões das Organizações Globo, a emissora constituiu-se durante o período da ditadura em uma das “maiores, mais lucrativas e mais poderosas redes de televisão do planeta” (LIMA, 2005, p. 103).

Em trabalho apresentado durante o 4º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Porcello (informação verbal)¹ afirma que a mídia e o Poder sempre estiveram conectados. “A fronteira entre mídia e Poder é muito flexível, talvez sequer exista”, afirmou o pesquisador. Os últimos dez governos – civis ou não – contaram com o apoio dos meios de comunicação de massa. Ou seja, apesar de mudar o presidente, a relação não se altera. Prova disso é que em 2002, quando Lula foi eleito, ele deu entrevista exclusiva ao *Fantástico* e esteve na bancada do *Jornal Nacional* durante toda a edição de segunda-feira, apesar de ter sua imagem duramente criticada pela Rede Globo nos anos anteriores.

A emissora, mesmo pregando constantemente sua imparcialidade e isenção, sabe que possui Poder e não nega utilizar-se dele, como mostra a entrevista de Alan Riding com Roberto Marinho para o *The New York Times*, em 1987:

Sim, eu uso o poder [da Rede Globo de Televisão], mas eu sempre faço isso patrioticamente, tentando corrigir as coisas, buscando os melhores caminhos para o país e seus Estados. Nós gostaríamos de ter poder para consertar tudo o que não funciona no Brasil. Nós dedicamos todo o nosso poder para isso. Se o poder é usado para desarticular um país, para destruir seus costumes, então, isso não é bom, mas se é usado para melhorar as coisas, como nós fazemos, isso é bom (apud LIMA, 2005, p.120).

O importante no depoimento de Marinho não é apenas admitir o Poder que a Rede Globo possui, mas principalmente declarar que a sua empresa sabe o que é bom para o Brasil. A emissora se declara detentora da verdade e reguladora do que há de errado com o país.

Para a TV Globo, seus telejornais “são a janela da família brasileira para o mundo”, e suas palavras-chave são agilidade, planejamento e ética. “Com isenção e imparcialidade, o jornalismo da Globo faz um retrato fiel dos acontecimentos mais importantes do Brasil”, lê-se no texto da Internet, que contraria a noção da inexistência de um jornalismo imparcial pelos pesquisadores da área (HOHLFELDT, 2001).

¹ Porcello, Flávio A. C. Apresentação do artigo “Os filtros ideológicos da TV brasileira na eleição de 2006”. In: 4º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.

2.1.2 JN: campeão sem concorrência

O *Jornal Nacional*, primeiro a ser exibido em rede no país, é o mais antigo e tradicional telejornal brasileiro. Foi ao ar em 1º de setembro de 1969, apresentado por Hilton Gomes e Cid Moreira. Desde sua primeira edição, estava presente a idéia de unir o país – “O *Jornal Nacional* da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo Brasil”, disse Gomes antes da escalada.

Apesar de trazer constantes inovações tecnológicas – o primeiro a apresentar imagens via satélite e fazer transmissões ao vivo, por exemplo –, o *JN* é conservador, marcado por um perfil clássico e tradicional na apresentação de notícias. Mesmo assim – ou, talvez, exatamente por isso –, há anos é o telejornal de maior audiência do país.

“Um campeão sem concorrentes” é a forma que homepage da Rede Globo se refere ao *JN*, que completou 37 anos em 2006. “São 40 minutos diários que servem como fuso horário para o Brasil: as coisas só acontecem antes ou depois do *Jornal Nacional*”, diz o texto. Não discutimos aqui a veracidade dessa afirmação – grande parte dos veículos de comunicação brasileiros realmente são pautados por aquilo que foi ao ar do telejornal. Entretanto, precisamos ficar atentos aos efeitos e conseqüências desse pensamento.

Podemos perceber através da visão que o telejornal tem de si mesmo, o Poder e o Mito que ele constrói em torno de sua imagem. O *JN*, assim como a Rede Globo, realmente acredita ser o porta-voz da população brasileira e estar acima de qualquer julgamento, como se observa nos últimos parágrafos do livro produzido pela própria emissora em ocasião dos 35 anos do *Jornal Nacional*:

Se analisarmos as páginas que foram deixadas para trás, notaremos que há algo de comum a todas elas: a tentativa de acertar, o que significa tentar fazer, diariamente, um jornalismo de qualidade: correto, ágil e isento. Na absoluta maioria das vezes, houve êxito; em algumas, houve erro. A prova de que os acertos foram sempre em maior número é a liderança absoluta de que sempre desfrutou o *Jornal Nacional*, desde a sua criação. Ele faz sucesso porque o povo acredita nele. E o povo acredita nele porque ele tem qualidade. Não há lugar para nenhuma outra explicação (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 392).

2.1.3 Séries brasileiras

Em 1996, o diretor-geral da Central Globo de Jornalismo, na época Evandro Carlos de Andrade, implementou as séries de reportagens nos telejornais da emissora. O objetivo era apresentar uma abordagem mais aprofundada de determinados assuntos para o telespectador. “Foi um marco, porque deu mais credibilidade e trouxe amadurecimento ao telejornalismo, que sempre foi acusado de superficialidade”, afirma Carlos Henrique Schroder, atual diretor-geral da CGJ (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.321).

A primeira série a ser produzida para o *Jornal Nacional* chamava-se *O Futuro do Emprego*, do repórter Joelmir Beting e foi ao ar entre 22 e 26 de janeiro daquele ano. Entretanto, iremos mencionar aqui apenas alguns os projetos que mereceram destaque em “Jornal Nacional: a notícia faz história”.

A primeira série destacada no livro da Rede Globo foi realizada por Miriam Leitão, entre 17 e 22 de junho, e intitulava-se *Caminhos do Brasil*. Nela, a jornalista percorreu diversos estados do país, mostrando o impacto da estabilização da economia na vida das pessoas depois da instituição do real. Em *Fome no Brasil*, exibida entre 18 e 22 de junho de 2001, o repórter Marcelo Canellas viajou por seis estados brasileiros e o Distrito Federal, tentando traçar um mapa da fome no país. Aqui, já percebemos que excursionar pelo território nacional investigando algo não é nenhuma novidade da *Caravana JN*.

Já no período em que Schroder estava no comando da CGJ, um dos destaques é *Brasil Bonito*, série realizada por Sônia Bridi e idealizada por William Bonner, já editor-chefe do telejornal. A repórter fez três matérias, exibidas entre 12 e 14 de agosto de 2002, sobre ações voluntárias – uma era sobre pessoas que têm dinheiro, mas não têm tempo; outra sobre quem tem tempo, mas não dinheiro; e a última sobre quem tem tempo e dinheiro.

“Encomendei também uma vinheta de áudio baseada no Hino Nacional, porque eu queria usar a bandeira nacional. Eu queria despertar nas pessoas um sentimento quase patriótico”, declara Bonner (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p. 375). De acordo com o livro, todas as reportagens sobre voluntariado produzidas depois daquela data, passaram a ser exibidas com a vinheta de *Brasil Bonito*.

Outra série mencionada é *Identidade Brasil*, na qual Maurício Kubrusly viajou pelo país buscando, no folclore e nas festas regionais, características culturais marcantes da população brasileira. Exibida entre 02 e 07 de fevereiro de 2004, a vinheta de *Identidade Brasil* também passou a ser utilizada a partir dali em outras reportagens que tratassem sobre o tema.

JN na estrada, série exibida entre 10 e 17 de janeiro de 2005, não se encontra no livro sobre o *Jornal Nacional*, publicado em 2004, mas vale a pena ser mencionada. Nela, Paulo Renato Soares viajou de Porto Alegre a Fortaleza, pela BR-101; enquanto César Menezes foi de Fortaleza a Porto Alegre, pela BR-116. Os repórteres mostraram as condições das estradas brasileiras. Podemos observar, portanto, que a idéia de equipes do telejornal percorrendo trajetos pela malha rodoviária brasileira também não é originária de *Desejos do Brasil*.

Notamos através desse breve panorama da Rede Globo e das séries produzidas pelo *Jornal Nacional* que a intenção de fazer um raio-x da população do Brasil e ser a voz oficial deste povo não é novidade da *Caravana JN*. O que tencionamos apresentar nesse trabalho é como a população é retratada por *Desejos do Brasil* e de que maneira a relação entre o telejornal e o governo se manifesta nas reportagens. Para isso, iremos utilizar o conceito de Fato-Ônibus, de Pierre Bourdieu; e as categorias Poder, *Fait Divers*, Discurso e Mito, desenvolvidas por Roland Barthes.

2.2 Olhar Teórico

O presente estudo utiliza o conceito de Fato-Ônibus de Bourdieu e quatro categorias de Barthes – Poder, *Fait Divers*, Discurso e Mito – como pilar para a fundamentação teórica na qual será analisada a *Caravana JN* e a série *Desejos do Brasil*, produto desta excursão do *Jornal Nacional* pelo interior do país em período de campanha eleitoral.

A primeira categoria a ser aplicada será Poder. Para Barthes, em “A Aula” – texto proferido pelo autor em 7 de janeiro de 1977, ocasião de sua aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária no Colégio de França – o Poder está “emboscado em todo e qualquer discurso, mesmo quando este parte de um lugar fora do poder”

(BARTHES, 1996, p. 10). Ele afirma que o Poder encontra-se em todos os mecanismos de intercâmbio social, não apenas no Estado, nas classes e nos grupos, mas também nas modas, nas opiniões correntes, nos espetáculos, nos jogos, nos esportes, nas informações e até mesmo nos impulsos liberadores que tentam contestá-lo. Portanto, o Poder não é único, mas sim plural, e não cessa nunca: é eterno.

Plural no espaço social, o Poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado das coisas (BARTHES, 1996, p. 12).

O autor afirma, então, que o Poder é um “parasita trans-social” e está conectado à história da humanidade. O objeto em que o Poder está inscrito é a linguagem, mais precisamente, sua expressão obrigatória – a língua. Para ele, a linguagem é a legislação, e a língua é o seu código. “Não vemos o Poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva” (BARTHES, 1996, p. 12).

O semiólogo também define o Poder como a “libido dominante”, a energia prazerosa que cria emoção, desejo e excitação. Barthes observa que o Poder não é apenas um objeto político, é também um objeto ideológico e se insinua, inclusive, nas relações sociais. Assim, para ele, quem exerce o Poder sente prazer em dominar, e quem é dominado também tem prazer em sofrer essa dominação.

A expressão francesa *Fait Divers*, segunda categoria que utilizaremos neste trabalho, não possui correspondente em português, mas pode ser entendida como a rubrica sob a qual os jornais publicam os pequenos escândalos ou os acidentes. “Numa só palavra, seria uma informação *monstruosa*, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma inomináveis, que se classifica em geral pudicamente sobre a rubrica dos *Varia*” (BARTHES, 1982, p. 57).

De acordo com o semiólogo, o *Fait Divers* é uma informação total, na qual a história acaba em si mesma, portanto, é imanente. Não precisamos conhecer nada do mundo para consumi-lo, pois não remete a nada além dele próprio. Em um *Fait Divers*, tudo está dado: suas circunstâncias, suas causas, seu passado e seu desenlace. “Sem duração e sem contexto, ele constitui um ser imediato, total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito” (BARTHES, 1982, p. 59).

O autor salienta, porém, que mesmo sob essas circunstâncias, o *Fait Divers* pode se desenvolver através de vários dias, pois isso não rompe com sua imanência constitutiva.

Segundo Ramos (2003), a linguagem televisiva e o *Fait Divers* são compatíveis, já que o primeiro apresenta uma imagem concisa, na qual há uma supremacia da factualidade e do que é externo. “A Televisão e o *Fait Divers* estão voltados para mostrar, não para demonstrar. Não solicitam nenhuma reflexão aprofundada, pois se notabilizam pela superficialidade, marcada pela emocionalidade” (RAMOS, 2003, p. 10). Dada essa observação, consideramos essencial que esta categoria esteja presente no estudo das matérias da série *Desejos do Brasil*, que, como produto televisivo, mostra um país que existe somente na própria televisão.

Barthes divide os *Fait Divers* em dois tipos – os de Causalidade e os de Coincidência, cada um deles com duas manifestações.

Os ***Fait Divers* de Causalidade** podem apresentar-se com:

- a) *Causa Perturbada* – quando não se pode precisar imediatamente a causa de determinado fato, pois este é aparentemente inexplicável; quando se esperava uma causa devido a certo estereótipo, e outra acaba aparecendo (geralmente menos impactante do que a imaginada); quando uma pequena causa gera um grande efeito;
- b) *Causa Esperada* – quando a causa é normal, a ênfase recai nos dramas pessoais, como crianças, mães, idosos, “espécies de essências emocionais encarregadas de vivificar o estereótipo” (BARTHES, 1982, p. 60).

O semiólogo conclui sobre o *Fait Divers* de Causalidade:

Todos esses paradoxos da causalidade têm um duplo sentido; por um lado, a idéia de causalidade sai deles reforçada, já que se constata que a causa está em toda parte: com isso o *Fait Divers* nos diz que o homem está sempre ligado a alguma coisa, que a natureza é cheia de ecos, de relações e de movimentos; mas por outro lado essa mesma causalidade é constantemente minada por forças que lhe escapam; perturbada sem entretanto desaparecer, ela fica de certo modo suspensa entre o racional e o desconhecido, oferecida a um *espanto* fundamental; distante do seu efeito (e isto é, no *Fait Divers*, a própria essência do *notável*), a causa aparece fatalmente penetrada por uma força estranha: o acaso (Barthes, 1982, p. 63).

Já o ***Fait Divers*** de **Coincidência** manifesta-se nas seguintes formas:

- a) *Repetição* – quando um fato, por mais insignificante que seja, acontece diversas vezes, provocando um significado, uma interrogação: antigamente considerado “sobrenatural”, hoje considerado “curioso”, mas ainda significando alguma coisa. “O ‘curioso’ não pode ser uma noção opaca e por assim dizer inocente” (BARTHES, 1982, p. 64).
- b) *Antítese* – quando duas perspectivas antagônicas suprimem a distância entre elas para formar uma única realidade. Na tragédia grega, esse movimento era conhecido como *cúmulo* (expressão de uma situação de azar).

É na junção da Causalidade e da Coincidência que o *Fait Divers* se constitui – ambos acabam por recobrir uma zona ambígua onde o acontecimento é plenamente vivido como um signo cujo conteúdo é, no entanto, incerto. Barthes afirma, então, que estamos lidando com o mundo da significação, da literatura – o processo sistemático que une um significante e um significado, uma forma e um sentido. Ele completa, dizendo que, na verdade, o “*Fait Divers* é literatura, mesmo se essa literatura é considerada má” (BARTHES, 1982, p. 66/67).

No *Fait Divers*, a dialética do sentido e da significação tem uma função histórica bem mais clara do que na literatura, porque o *Fait Divers* é uma arte de massa: seu papel é, ao que parece, preservar no seio da sociedade contemporânea a ambigüidade do racional e do irracional, do inteligível e do insondável (BARTHES, 1982, p. 67).

O autor acrescenta que essa ambigüidade é necessária historicamente visto que o homem necessita de signos (o que o tranquiliza), e esses signos são de conteúdo incerto (o que o irresponsabiliza). Assim, através do *Fait Divers*, o homem pode apoiar-se sobre uma certa cultura ao mesmo tempo em que ele enche essa cultura de natureza, já que o sentido que ele dá à concomitância dos fatos escapa ao artifício cultural, permanecendo mudo.

Iremos relacionar a categoria de *Fait-Divers*, de Barthes, com o conceito de Fato-Ônibus, que Pierre Bourdieu desenvolve em seu livro “Sobre a Televisão” (1996), mostrando que as matérias da série *Desejos do Brasil* representam a junção dessas duas perspectivas. Justifico a aproximação dos termos visto que tanto Barthes quanto Bourdieu afirmam que suas respectivas categorias caem no plano das *Varia*, das variedades.

No texto de Bourdieu, resultado de uma série de cursos no Collège de France (onde Barthes desenvolveu “A Aula”), ele afirma que uma parte da ação simbólica da televisão, no plano das informações, consiste em atrair a atenção para fatos que são de natureza a interessar todo mundo. Esses fatos, ele chama de *omnibus*.

Os fatos-ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada importante. (...) Ocupa tempo, tempo que poderia ser empregado para dizer outra coisa (BORDIEU, 1996, p. 23).

Assim como as pessoas são atraídas pelos fatos-ônibus, os brasileiros embarcaram com Pedro Bial na *Caravana JN* e nas matérias da série *Desejos do Brasil*. Matérias essas que, como analisaremos no decorrer do trabalho, não revelam à população do país nada de novo, nenhuma causa real para os problemas enfrentados no interior do país.

O sociólogo argumenta que, já que o tempo na televisão é tão precioso, deve haver algum motivo para que ele seja utilizado com coisas que nada acrescentam, e que esses “fatos tão fúteis” são na verdade muito importantes por estarem ocultando coisas preciosas. “Ao insistir nas variedades, preenchendo esse tempo raro com o vazio, com nada ou quase nada, afastam-se as informações pertinentes que deveria possuir o cidadão para exercer seus direitos democráticos” (BORDIEU, 1996, p. 23/24).

O Discurso é a próxima categoria a ser usada no presente estudo. Para Barthes (1994), significa a ação de correr para todo o lado, como idas e vindas, *démarches*, intrigas. Essa definição apresenta duas articulações – estabelece o sentido lingüístico da discursividade na concretude dos signos e abraça o translingüístico em sua dimensão sócio-histórica.

Ao eleger a Mídia como objeto de suas incursões semiológicas, Barthes traz-lhe uma reivindicação, com sabor de pré-requisito. É a necessidade de compartilhar com a dimensão interdisciplinar, um tanto desarrumada, sem critérios luminosos de diálogos entre os significantes das disciplinas, mas com uma invariância: a abordagem dialética (PORCELLO, 2004, p. 89).

De acordo com Barthes, o Discurso manifesta-se de duas formas:

• **Discurso Enchrático** – é o Discurso da Mídia: único, supremo e dominante. Hegemônico, ele possui relação com o Poder, de forma indireta, visto que pode ser utilizado por quem não está no comando. É repetitivo, factual e legitima a dominação. Combina com a doxa, com a opinião corrente.

A linguagem enchrática é vaga, difusa, aparentemente “natural”, e, portanto, pouco identificável. É a linguagem da cultura de massa (imprensa, rádio, TV) e também, num sentido, a linguagem da conversação, da opinião corrente (da doxa); toda essa linguagem enchrática é, ao mesmo tempo, clandestina (não podemos reconhecê-la facilmente) e triunfante (não podemos escapar-lhe): direi que ela é pegajosa (BARTHES, s.d., p. 102).

• **Discurso Acrático** – É o discurso da Arte, da Ciência, do paradoxo. Anti-hegemônico, é elaborado fora ou contra o Poder estabelecido. Plural, este é anunciado contra a doxa (para-doxal), em graus diversos. Barthes (s.d., p. 97) afirma que é mais estudá-lo já que é elaborado fora da opinião corrente e é recusado por ela.

É importante ressaltar que, como afirma o autor, os Discursos Enchrático e Acrático podem mudar com a alteração das forças no Poder. Ele afirma que “a língua e o Discurso são indivisos, pois eles deslizam segundo o mesmo eixo de Poder” (BARTHES, 1996, p. 31). O semiólogo acredita que não são somente as palavras e os fonemas que estão sujeitos a um regime de liberdade condicional, visto que não podemos combiná-los de qualquer maneira. Para Barthes, todo o “lençol do Discurso” está preso a regras, constrangimentos, opressões e repressões no nível retórico e no nível gramatical.

A língua aflui no Discurso, o Discurso reflui na língua, eles persistem um sob o outro, como na brincadeira de mão. A distinção entre língua e Discurso não aparece mais, senão como uma operação transitória – algo, em suma, a “abjurar”. Chegou um tempo em que, como atingido por uma surdez progressiva, não ouvi senão um único som, o da língua e do Discurso misturados (BARTHES, 1996, p. 32).

Barthes conclui, então, que a língua não se esgota na mensagem que produz. Ela é fascista, não por impedir-nos de dizer alguma coisa, mas por que nos obriga a dizer. Na língua, portanto, servidão e Poder se confundem. “A língua implica uma relação fatal de alienação. Falar, e com maior razão discorrer, não é comunicar,

como se repete com demasiada freqüência, é sujeitar: toda língua é uma reição generalizada” (BARTHES, 1996, p 13).

A última categoria a ser aplicada neste trabalho será Mito. Para Barthes, o Mito é uma fala, um sistema de comunicação, uma mensagem. Não pode ser um objeto, um conceito ou uma idéia, pois é um modo de significação, uma forma.

Já que o Mito é uma fala, tudo pode constituir um Mito, desde que seja suscetível de ser julgado por um discurso. O Mito não se define pelo objeto da sua mensagem, mas pela maneira como o profere: o Mito tem limites formais, mas não substanciais. Logo, tudo pode ser Mito? Sim, julgo que sim, pois o universo é infinitamente sugestivo. Cada objeto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, pois nenhuma lei, natural ou não, pode impedir-nos de falar as coisas (BARTHES, 1987, p.131).

Barthes afirma que os Mitos não são eternos, já que é a história que transforma o real em Discurso. Portanto, somente a história pode comandar a vida e a morte da linguagem mítica. Já que Mito é uma fala escolhida pela história, não poderia de modo algum surgir da natureza das coisas. Portanto, seus conceitos (significados) são mutáveis. “Não existe nenhuma rigidez nos conceitos míticos: podem constituir-se, alterar-se, desfazer-se, desaparecer completamente. E é precisamente porque são históricos, que a história pode facilmente suprimi-los” (BARTHES, 1987, p. 142).

Considerando que o Mito é uma fala, e que essa fala constitui-se em uma mensagem, Barthes declara que ele não se apresenta necessariamente na forma oral, pode ser formado por escritas ou representações. O Mito possui o mesmo esquema tridimensional da língua – significante, significado, signo –, porém é um sistema particular, visto que ele se forma a partir de uma cadeia semiológica que já existe antes dele, “é um sistema semiológico segundo” (BARTHES, 1987, p. 136). O que é signo na língua transforma-se em significante no Mito.

As matérias-primas da fala mítica (língua propriamente dita, fotografia, pintura, cartaz, rito, objeto etc.), por mais diferentes que sejam inicialmente, desde o momento em que são captadas pelo Mito, reduzem-se a uma pura função significante: o Mito vê nelas apenas uma matéria-prima; a sua unidade provém do fato de serem todas reduzidas ao simples estatuto de linguagem (BARTHES, 1987, p. 136).

Para Barthes, o Mito restitui uma imagem natural do real histórico fornecido pelo mundo. Ele é constituído pela eliminação da qualidade histórica das coisas – nele, as coisas perdem a lembrança da sua produção. O autor continua, afirmando que “uma prestidigitação inverteu o real, esvaziou-o de história e encheu-o de natureza, retirou às coisas o seu sentido humano” (BARTHES, 1987, p. 163).

O semiólogo conclui, então, que o Mito é uma fala despolitizada, a naturalização e eternização da sociedade burguesa. Portanto, afirma:

O Mito não nega as coisas; sua função é, pelo contrário, falar delas; simplesmente, purifica-as, inocenta-as, fundamenta-as em natureza e em eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação, mas de constatação (...). Passando da história à natureza, o Mito faz uma economia: abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, cria uma clareza feliz: as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias (BARTHES, 1987, p. 163/164).

Barthes esboça, então, as formas retóricas do Mito:

- **A Vacina** – Um mal reconhecido alimenta o imaginário coletivo, evitando uma subversão generalizada. Admitimos um mal accidental de uma instituição de classe para camuflar seu mal essencial.

- **A Omissão da História** – O Mito é despojado de toda sua história, não questionamos a sua origem, ele já nasce pronto. Traduz a irresponsabilidade do homem.

- **A Identificação** – O pequeno-burguês é incapaz de reconhecer o Outro. Portanto, se este se apresenta diante de seu olhar, o pequeno-burguês o transforma em si mesmo, como se estivesse se observando num espelho. Se isso não é possível, ele classifica o Outro por seu *exotismo*.

- **A Tautologia** – Procedimento que define o mesmo pelo mesmo. “É assim porque é assim”. Esconde-se atrás de um argumento de autoridade, caracteriza um mundo morto, imóvel.

- **O Ninismo** – Figura mitológica que coloca dois opostos em comparação e os equilibra para poder, em seguida, rejeitar os dois. “Recusam-se, igualmente, termos para os quais era difícil escolher, foge-se do real intolerável, reduzindo-o a

dois contrários, que se equilibram na medida apenas em que são formais, que foram esvaziados de seu peso específico” (BARTHES, 1987, p. 173).

- **A Quantificação da qualidade** – Redução da qualidade em quantidade. “O Mito faz economias de inteligência: compreende o real por um preço reduzido” (BARTHES, 1987, p. 173).

- **A Constatação** – É a contra-explicação, o lugar-comum, o equivalente nobre da tautologia, universaliza-se através da máxima. “O fundamento da constatação burguesa é o bom-senso, isto é, uma verdade que a decisão arbitrária daquele que a profere pode bloquear” (BARTHES, 1987, p. 174).

2.3 Procedimentos Metodológicos

Nesta pesquisa, optou-se pelo método Dialético Histórico-Estrutural (DHE), uma interação entre a Dialética Marxista (movimento) e o Estruturalismo (estrutura) (GOULART, 2004, p. 71). Ele investiga as questões culturais, históricas, ideológicas e sociais e permite descobrir o que se encontra por trás das aparências.

A Dialética – a argumentação através do diálogo –, de Heráclito e Platão, é uma das duas vertentes do pensamento humano, junto com a Analítica, de Parmênides e Aristóteles. Segundo Heráclito, considerado o Pai da Dialética, “tudo flui”, todas as coisas estão em movimento e nada dura para sempre. Para ele, “não podemos entrar duas vezes no mesmo rio”, pois quando entramos pela segunda vez, tanto o rio quanto nós estaremos mudados. Essa idéia se chocava com o sentido da imobilidade das coisas, como acreditava Parmênides, que considerava impossível qualquer transformação real.

No *Sofista*, Platão recusa duas percepções do ser. A tese permênica não pode ser aceita; esta posição pretende que “o ser não vive, nem pensa e que é solene e sagrado, vazio de inteligência, permanece fixo, sem poder mover-se”. Mas a tese oposta a isto não pode ser admitida; que diz que o ser é mobilismo puro (...) A superação do impasse só pode estar no reconhecimento de que o ser é um terceiro termo, que compreende em si os dois primeiros (BORNHEIM, 1977, p. 29/30).

Platão, discípulo de Sócrates – que acreditava em uma abordagem para a geração de idéias e conceitos baseada em perguntas e respostas –, não se referia diretamente a Heráclito, mas aos sofistas – que pregavam a transformação absoluta de todas as coisas. Ele, então, aplicou a dialética para resolver a contradição e separou o mundo das idéias – fixo e imutável – do mundo das coisas cotidianas – em constante movimento e transformação. Na Teoria das Idéias, o mundo concreto, percebido pelos nossos sentidos, é apenas uma reprodução do mundo das idéias.

A Dialética platônica foi aprimorada por Hegel, em sua obra “Ciência da Lógica”, na qual ele distinguiu três aspectos do processo dialético. O primeiro deles é a Tese – a identidade – caracterizada pelo que ela traz em si de não-idêntico, de diferente do idêntico, mas que ainda não foi determinado. “O não-idêntico passa a ser a verdade do idêntico, justamente porque a primeira afirmação do ser é vazia, mero nome, é nada” (BORNHEIM, 1977, p. 49). A Tese se torna, então, Antítese, o segundo momento do processo. Não se trata, porém, de um negativo absoluto, e sim do negativo da primeira posição – do negativo do positivo. Neste momento, a diferença passa a ser reconhecida, podendo ser determinada como negativo.

Quando determinada a Antítese, é estabelecido o movimento da contradição, que é a alma de toda a dialética. Bornheim afirma que apenas no momento em que estabelecemos essa contradição podemos começar a apreender aquilo que a coisa é. Hegel persegue, então, a superação dessa contradição, e o processo que permite atingi-la está na negação da negação – na Síntese. “Neste sentido, a Síntese contém em si todo o processo de verdade, já que ela supera os momentos que lhe são anteriores conservando-os em si: há uma progressão que se confunde com uma regressão e tudo visa à unidade do todo do real” (BORNHEIM, 1977, p. 51).

Marx apoiou-se na Dialética filosófica, mas inverteu a teoria de Hegel. Ele saiu apenas do campo das idéias e levou a filosofia a encarar a práxis, a ir em direção à transformação do mundo real.

Marx pensa de forma oposta a Hegel, para quem a realidade é a manifestação exterior da idéia (Idealismo). Marx faz uma opção pela Dialética materialista, ou seja, o mundo material está em movimento e o processo dialético acontece nesse movimento, no desenvolvimento das forças produtivas, na transformação gerada, pela relação entre teoria e prática. Para Marx, o processo dialético pode ser transformador do real (GOULART, 2004, p. 73).

De acordo com Demo (1990, p. 116), a Dialética é o método que permite uma melhor compreensão da realidade histórico-social, “faz parte de sua maturidade histórica não querer explicar tudo, mas cuidar de explicar melhor aquela realidade que admite incursão subjetiva de atores históricos com marca política”. Essa metodologia permite que a ciência não seja somente uma análise estrutural, no contexto da observação metódica. “Ciência também é projeto político, no qual o cientista é ator engajado, mesmo que seja no desengajamento” (DEMO, 1990, p. 117). Porém, como toda proposta metodológica, apresenta sistemática e requer rigor científico.

O Estruturalismo não é uma escola ou um movimento, mas sim uma atividade, uma sucessão regulada de operações mentais. O objetivo é reconstituir um objeto e, nessa reconstituição, revelar as regras de seu funcionamento. Segundo Barthes, a atividade estruturalista apresenta duas manifestações: Segmentação e Agenciamento. Segmentar é encontrar no objeto fragmentos móveis cuja situação diferencial segue um certo sentido. Ele continua, afirmando que “o fragmento não tem sentido em si, mas é, no entanto, tal que a menor variação introduzida na sua configuração provoca uma mudança do conjunto” (BARTHES, 1971, p. 301). Já no Agenciamento, após fixarmos as unidades, devemos apresentar regras de associação e observar o invariante, aquilo que se repete.

Para Demo, a Estrutura quer dizer as circunstâncias dadas – as Condições Objetivas – que se impõem ao sujeito como dado encontrado. “Na verdade, esta postura metodológica toma uma pré-decisão sobre o objeto, declarando como real apenas o que cabe no composto das condições objetivas, e, conseqüentemente, cabe do método. Se há algo para além disso, não será relevante” (DEMO, 1990, p. 120).

As Condições Subjetivas referem-se ao espaço da criação humana histórica, aquilo que o ator social pode fazer dentro do dado. Demo observa também que as Condições Subjetivas não estão entregues a veleidade. “Se não tem propriamente leis, tem regularidades; tem com certeza condicionamentos, antecedentes e conseqüentes, embora não determinantes” (DEMO, 1990, p. 122). O autor afirma que devemos ter cuidado para não exagerar somente o lado objetivo ou subjetivo, pois a realidade social é composta pelos dois; e que a presença do homem na realidade causa interferência na história, pois, sendo o homem um dado objetivo carregado de subjetividade, sua presença é sempre influência.

Entendemos por Condições Objetivas nesta pesquisa as estruturas através das quais a *Caravana JN* é produzida, ou seja, o processo histórico que constituiu o *Jornal Nacional* e a Rede Globo. Já as Condições Subjetivas referem-se ao que será decodificado a partir das quatro categorias de Barthes, referidas anteriormente no trabalho – Poder, *Fait Divers*, Discurso e Mito – e ao conceito de Fato-Ônibus, de Pierre Bourdieu. A interação entre as Condições Objetivas e Subjetivas é que nos levará ao conhecimento mais complexo, de compreensão do todo e das partes.

Chegamos assim à Dialética Histórico-Estrutural, nem objetivista, nem idealista, capaz de confluir condições objetivas e subjetivas, na complexidade concreta do fenômeno histórico. (...) A DHE parte de que a história é estrutura, não acidente. Entretanto, não estrutura da estática, mas da dinâmica. Porquanto, não somente a estática faz parte da realidade, mas igualmente a dinâmica. É decisiva essa compreensão porque evita tanto o superdimensionamento idealista do lado subjetivo (como *deus ex machina*), como seu descarte, como mero acidente (DEMO, 1990, p. 123).

A escolha dessa metodologia no estudo da *Caravana JN* não se dá por acaso. Sendo a televisão um meio de comunicação dinâmico, acreditamos que a DHE como descrita por Demo é a mais apropriada para a análise da série *Desejos do Brasil*, que, de acordo com o blog da *Caravana*, era produzida, no máximo, até às 16h, para poder transmitir a matéria por satélite aos estúdios do *JN* (post do dia 06/08, de Pedro Bial).

Pela própria natureza desse veículo e, com os recursos tecnológicos que permitem uma crescente aceleração dos processos de produção de notícias, o tempo da apuração dos fatos e de reflexão sobre o que será dito e mostrado são aspectos quase desprezados pela produção dos noticiários. Parece que o importante é noticiar primeiro, sem questionar o conteúdo ou veracidade da informação. (...) A questão dialética ganha, assim, fundamental importância (PORCELLO, 2004, p. 97).

O uso do termo Semiologia nem sempre foi pacífico. No presente trabalho, utilizaremos Barthes e seus estudos como referência. O autor rompeu com a visão absoluta do signo de Saussure e com o Estruturalismo funcionalista. Ele passou a conceber uma Semiologia Ativa e Negativa. É Negativa à medida que o signo não é absoluto, mas relativo. Ativa, porque se preocupa com o cotidiano, a vida, os textos do Imaginário. Dentro de uma perspectiva dialética, a Tese é a Semiologia Negativa,

a Antítese é a Semiologia Ativa. Chega-se, então, à Síntese: “chamaria de bom grado ‘semiologia’ o curso das operações ao longo do qual é possível – quiçá almejado – usar o signo como um véu pintado, ou ainda uma ficção” (BARTHES, 1996, p. 41).

Para Barthes, o papel do semiólogo é compreender o signo, entender sua relatividade, e não achar ou impor verdades. O semiólogo seria, então, um artista, que joga com os signos como um logro consciente. Pode-se afirmar que a Semiologia não é a realidade, mas sim o estudo de como se apresenta essa realidade. “O objeto da pesquisa semiológica é reconstituir o funcionamento dos sistemas de significação diversos da língua, segundo o próprio projeto de qualquer atividade estruturalista, que é constituir um simulacro dos objetos observados” (BARTHES, 2003, p. 103).

Ao afirmar que a Semiologia não pode apreender diretamente o real, mas que busca soerguê-lo em certos pontos e em certos momentos, Barthes complementa:

Disso decorre que a semiologia não está num papel de substituição com relação a nenhuma disciplina; eu desejaria que a semiologia não tomasse aqui o lugar de nenhuma outra pesquisa mas, pelo contrário, que ela as ajudasse a todas, que tivesse por sede uma espécie de cadeira móvel, curinga do saber de hoje, como o próprio signo o é de todo discurso (BARTHES, 1996, p. 39).

A pesquisa semiológica não se norteia por números, é, portanto, qualitativa. Barthes afirma que, para empregá-la, é necessário aceitar um princípio de limitação, o Princípio da Pertinência:

Decide-se o pesquisador a descrever os fatos reunidos a partir de *um só ponto de vista* e, por conseguinte, a reter, na massa heterogênea desses fatos, só os traços que interessam a esse ponto de vista, com exclusão de todos os outros (esses traços são chamados pertinentes) (BARTHES, 2003, p. 103).

Visto que o Princípio da Pertinência é o recurso limitativo, o *Corpus* é, então, o todo. O *Corpus* é uma coleção finita de materiais, determinada de antemão pelo analista, conforme certa arbitrariedade (inevitável) em torno da qual ele vai trabalhar. Barthes dá duas recomendações: que o *Corpus* seja amplo para que se possa esperar que seus elementos saturem razoavelmente um sistema completo de semelhanças e diferenças, e que seja o mais homogêneo possível.

Nesse sentido, o *Corpus* do estudo está constituído em doze edições da série *Desejos do Brasil* – duas das regiões Sul, Sudeste, Norte e Centro-Oeste e quatro do Nordeste, já que essa recebeu maior espaço na *Caravana JN*. Observamos a estrutura da linguagem, com ênfase nos aspectos verbais e visuais, através de quatro categorias de Barthes – Poder, *Fait Divers*, Discurso e Mito – e o conceito de Fato-Ônibus de Bourdieu, tendo como referência o método Dialético Histórico-Estrutural e a pesquisa semiológica.

3. VEJA A SEGUIR: DESEJOS DO BRASIL

3.1 Região Sul

3.1.1 São Miguel das Missões/ Rio Grande do Sul

A primeira matéria a ser analisada foi ao ar no primeiro dia de exibição do projeto *Caravana JN*, em 31 de julho de 2006. Foi produzida em São Miguel das Missões, onde o telejornal foi ancorado, naquela mesma edição, por William Bonner e Pedro Bial. Logo após a abertura do *Jornal Nacional*, Fátima Bernardes, dos estúdios da TV Globo, deu voz a Bonner, com a pergunta que já se tornou clássica quando o casal está separado. “Essa é a minha vez de perguntar: Onde está você, William?”.

Bonner aparece, então, em frente às ruínas de São Miguel, ponto turístico da região Sul. Entre ele e a arquitetura, um grupo de pessoas está reunido e, na primeira fila, podemos observar três jovens pilchadas – com o tradicional vestido de prenda, em desuso como vestimenta diária.

Logo após, na cabeça da matéria, o próprio Pedro Bial chama a sua reportagem da série *Desejos do Brasil*, afirmando que no “Sul talvez possamos encontrar o norte da nossa missão mais facilmente”. Como podemos perceber com essa frase – a primeira manifestação poética de Pedro Bial no projeto –, a equipe que viajava com ele ainda não havia encontrado o tom e o formato exato de série, que ao longo do percurso vai se estabelecendo, e suas características vão tornando-se cada vez mais proeminentes. Percebe-se na própria descrição neste trabalho que não havia um foco no roteiro da reportagem.

Ainda na introdução, Bial faz a sua primeira comparação entre a sociedade que os jesuítas tentavam instaurar nesta porção da América Latina e regimes atualmente criticados pelo senso comum; entre eles, o socialismo e o comunismo, que na época missioneira sequer existiam. O repórter diz que, em São Miguel das Missões, “promoveu-se uma das mais ousadas experiências socialistas da história”.

A matéria começa mostrando escavações na cidade de Santo Ângelo, entrevistando uma arqueóloga. Pedro Bial recorre a comparações simplistas para explicar a estrutura dos povoados missionários: “A instauração de uma república igualitária que, assim como o comunismo, tinha caráter totalitário”. E mais tarde, em sua passagem, afirma: “Era o que se chama de uma teocracia, governo de Deus, o todo poderoso governava através de seus ministros, mais ou menos como os aiatolás do Irã contemporâneo”.

Durante toda a matéria, quando os índios missionários eram mencionados, as imagens que cobriam os *offs* eram, em sua maioria, de crianças guaranis com vestimentas atuais, mas com o rosto pintado. Não foi explicado sob que condições eles sobrevivem (moradia, fonte de renda, etc), apenas dito que “hoje, cerca de 200 índios vivem de um passado que mal conhecem”. Na edição, encontra-se apenas a sonora de um jovem guarani cabisbaixo afirmando “não sei”. Para que pergunta, o telespectador também não sabe. A frase aparece apenas para dar credibilidade à matéria e endossar o testemunho do repórter.

Para introduzir o próximo assunto, dois guaranis aparecem em uma sonora falando algumas palavras em seu dialeto, e Bial completa que o que restou além da língua na “utopia guarani”, foi a criação de gado. Com essa rápida sentença, o jornalista pula de sua linha histórica para falar com um policultor que, entre suas atividades, cria gado. Em um semicírculo com a mulher, o filho e duas filhas adolescentes (uma delas, pilchada), o agricultor somente cita o que produz em suas terras, aparecendo novamente uma sonora que só é útil para dar suporte a fala do jornalista.

A próxima sonora é de um professor – entrevistado ao lado da mulher e de uma filha pequena – que contribui apenas com meia sentença. Essa é uma característica que irá aparecer em outras reportagens de Pedro Bial para a série. O jornalista afirma ou pergunta alguma coisa, e a sonora – de apenas um período, muitas vezes sem verbo –, entra somente para dar credibilidade a seu texto. Na maioria das vezes, o entrevistado não é nem creditado.

Para encerrar a matéria, o guarani, o agricultor e o professor respondem à pergunta feita em *off*: “Que presente deseja o brasileiro?”. Entre *inserts* de índios guarani cantando, são citadas cultura, justiça e igualdade social, e educação. Roda, então, uma vinheta de fechamento da reportagem, com o logotipo da série *Desejos do Brasil* (anexo 1) em verde e amarelo – onde a letra A é representada por uma

estrada – e fotos de pessoas de diferentes raças e idades. Essa vinheta não será mais utilizada no fim de cada edição da *Caravana JN*, haverá apenas uma vinheta de abertura, onde o logotipo permanece o mesmo.

Na nota-pé, Bial recita seu texto em tom poético: “Educação, saúde, os direitos das minorias: já na primeira reportagem de nossa viagem, temas clássicos, lamentavelmente repisados através de nossa história, reemergiram. Nada é óbvio, ou velho. Para o cidadão brasileiro, é tudo urgente”.

Essa matéria apresenta-se como um *Fait Divers* de Causa Esperada, onde o drama recai sobre os sujeitos da reportagem – o índio, principalmente. Ela traz um pretenso olhar histórico, que na verdade não esclarece como aquele povoado missioneiro realmente funcionava. Faz apenas comparações inadequadas com sistemas políticos conhecidos pelos telespectadores, assim, eles não precisam acessar, através da inferência, seus conhecimentos prévios, pois isso lhes é dado no texto. Não solicita nenhuma reflexão profunda, é marcada pela superficialidade.

Essa superficialidade é o ponto de ligação com o Fato-Ônibus, que não divide opiniões e não choca ninguém. A reportagem é exatamente isso – mostra sem levantar questões que possam causar desacordo. Como o próprio Bial afirma, são “temas clássicos”, de interesse universal. Todos querem cultura, igualdade social e educação.

Aqui, a afirmação de que o Fato-Ônibus ocupa o lugar de algo mais importante relaciona-se também à categoria de Poder. O fato de a política não ser citada explicitamente mostra as boas relações que a Rede Globo mantinha com o governo petista antes do dossiê contra os tucanos, que apareceu na imprensa apenas na metade do mês de setembro. É muito mais simples manter a ordem estabelecida exibindo matérias como essa, que não tocam em nenhum assunto relevante, do que fazer qualquer reportagem com referência política direta.

O Discurso aparece na forma Encrática, onde a opinião corrente é manifestada. As comparações do projeto missioneiro com o comunismo, o socialismo e a teocracia – todos condenados pela visão ocidental de capitalismo e democracia – revelam isso. A reportagem, em momento algum, colide com a doxa.

O Mito concentra-se na figura do índio, representado como aquele povo que “não sabe”, que não conhece sua própria história, mas que é também peculiar porque tem uma língua estranha à nossa e por usar adornos diferentes dos utilizados pela cultura dominante, como as tintas no rosto.

Vale apontar que tanto a questão da fala quanto da pintura na face parecem ter sido incitadas pela equipe de reportagem. O guarani já não é a principal forma de comunicação dos indígenas e a maquiagem no rosto não é utilizada com frequência. Esse Mito manifesta-se na forma de Identificação – quando o pequeno-burguês não consegue transformar o Outro em si mesmo, classifica-o por suas características exóticas. Isso também ocorre ao mostrar as prendas, reificando o Mito dos gaúchos como povo diferente do resto do Brasil.

3.1.2 Nova Pádua/ Rio Grande do Sul

A segunda matéria a ser analisada foi ao ar em 02 de agosto, produzida na cidade de Nova Pádua. A cabeça lida por William Bonner no estúdio dá a entender que a reportagem está focada na vida de uma pessoa, quando, na verdade, está centrada no desenvolvimento do município. “Pedro Bial encontrou uma brasileira que frequenta todos os dias o mesmo lugar onde passou a infância. Com muito orgulho e prazer”, diz o apresentador.

Roda, então, a vinheta de abertura que, a partir da segunda reportagem, caracteriza a série. Imagens do ônibus do *Jornal Nacional* (anexo 2) aparecem e, logo depois, o logotipo de *Desejos do Brasil*. Vemos, então, um mapa do país que mostra, de forma animada, o caminho percorrido pela *Caravana JN* (anexo 3) até aquele momento.

Bial começa seu texto centrado no ônibus. O *off* está coberto com imagens do veículo visto da parte traseira, com o logotipo da Rede Globo no centro do quadro. Somente após dizer que viajou “noite adentro”, o repórter chega finalmente ao tema principal de sua matéria.

Podemos ver o jornalista sentado em uma classe escolar, atirando uma bolinha de papel nos colegas. Na medida em que a lente da câmera vai abrindo, vemos a sala de aula repleta de crianças e uma professora. Após afirmar que a Unicef elegeu Nova Pádua como a cidade brasileira que apresenta melhores condições para o desenvolvimento de uma criança, Bial faz uma pergunta, como se fosse um estudante daquela turma – “Professora, por quê?”.

Enquanto ela responde, com direito a explicações anotadas no quadro negro, são inseridas imagens do rosto dos alunos. Entre as explicações da professora, o repórter continua fazendo suas perguntas, sentado na carteira escolar. Bial finaliza a reportagem com uma frase de efeito, em tom poético, enquanto a turma está reunida como se posasse para uma foto de anuário de colégio: “Nova Pádua, tudo que o Brasil quer ser quando crescer”. Ouvimos, então, um clique, como se alguém houvesse tirado uma fotografia – outra característica que irá aparecer diversas vezes até o fim da série.

Nessa matéria, o Poder se apresenta velado pela maneira em que a Rede Globo decidiu ocupar, em época de eleições, parte do telejornal mais assistido no país com matérias que não estão focadas na política, mas sim no próprio povo brasileiro. Em um ano repleto de descobertas de corrupção no governo, preferiram concentrar-se no interior do Brasil, com reportagens como esta, totalmente descoladas do pleito de 2006.

A matéria sobre Nova Pádua se encaixa no conceito de *Fait Divers*, pois é imanente, acaba em si mesma. Apresenta-se na forma de Causa Esperada, pois o foco recai na história daquela turma e nas condições sociais que a professora e seus alunos possuem para fazer parte da estatística positiva do município. Assim, manifesta-se a definição de Fato-Ônibus, pois a reportagem é de interesse de todos – trata de educação, e não divide opiniões, já que também não questiona de que maneira pode-se chegar ao nível de desenvolvimento daquela cidade.

O Discurso Encrático apresenta-se de forma clara na medida em que a linguagem imagética utilizada está ali para corroborar os dados da Unicef, sem ao menos tentar questioná-los, mostrando crianças comportadas, aparentemente saudáveis e estudiosas, onde o único infrator das regras de sala de aula é o próprio repórter, jogando bolinha de papel.

O Mito gira em torno da região Sul, mostrada sempre na mídia como o local com a melhor qualidade de vida e desenvolvimento, onde só há elogios e poucas críticas. Em nenhum momento, a *Caravana JN* preocupou-se em dizer, por exemplo, que essa região é a segunda do país com o maior índice de trabalho infantil – 14% – ficando apenas atrás do Nordeste, com 15,9% (SPITZ, 15/09/2006). Assim, o Mito manifesta-se através da Constatação – uma verdade encoberta por uma decisão arbitrária.

3.2. Região Sudeste

3.2.1 Brodowski/ São Paulo

Na edição de sábado, 10 de agosto, Chico Pinheiro introduz, no estúdio, a matéria de Brodowski, no interior de São Paulo. Na cidade de Cândido Portinari, Pedro Bial “descobriu o que os jovens eleitores de lá esperam do futuro”.

Após a vinheta de série, o repórter começa novamente seu texto focado no ônibus da *Caravana JN*, que estacionou na praça da cidade-dormitório. Imagens de adolescentes soltando pequenos gritos em volta do veículo ilustram a reportagem. O jornalista, então, pergunta aos jovens, “eleitores de primeira viagem, cheios de desejos”, quais são suas expectativas para o futuro. Fim da corrupção, dinheiro dos impostos investido na educação, respeito à saúde e à segurança são mencionados.

Bial aproveita a palavra respeito para conduzir a matéria a Cândido Portinari, dizendo: “Respeito com o uso da tinta, que suja os muros como se isso desse voto. Principalmente aqui, onde um homem usou tinta para construir o Brasil”. Assim, ele muda o foco da reportagem e passa a entrevistar um idoso da cidade, que foi desenhado pelo artista quando menino, pedindo para ele descrever como Portinari solicitou que ele posasse.

A partir daí, a matéria se concentra na casa onde o pintor viveu, que atualmente abriga um museu com suas obras. Bial utiliza-se abertamente de sua veia poética, que conhecemos bem através das matérias feitas durante a Copa do Mundo de 2006. Ele usa, por exemplo, a construção frasal “museu irresistível, tesouro bem guardado, que recebe mais de 30 mil visitantes por ano” e faz questão de chamar a diretora do museu de “eleitora Angélica Fabbri”, antes de perguntar o seu desejo, para associar superficialmente a matéria ao pleito.

No encerramento, uma característica de *Desejos do Brasil* – frases do repórter que são completadas pelo entrevistado. “A eleitora Angélica Fabbri quer mais que um abstrato apoio à cultura. Seu desejo é...”. Após ela afirmar que quer que a cultura seja prioridade, Bial completa, com uma imagem pintada por Portinari de um santo de mãos unidas, como se estivesse rezando: “Amém”.

O Poder manifesta-se pela terceira vez através do que não é dito. A reportagem não critica políticas governamentais, nem sequer as menciona, mantendo assim o *status quo*. Começamos a perceber, portanto, que a estratégia da Rede Globo é manter ao máximo a imagem de isenção e transparência – tanto da emissora, quanto do *Jornal Nacional* – para conseguir manter-se no Poder, independente de partidos eleitos. O Poder apresenta-se de uma segunda maneira nessa reportagem. Ele é exercido pela emissora em sua relação com os telespectadores, que acabam mitificando o telejornal, como será explicado adiante.

A matéria recai no *Fait Divers* de Causa Perturbada, quando uma pequena causa – o nascimento de Portinari em Brodowski – gera um grande efeito – o museu, a fama da cidade, a importância que o município dá para a arte. É Fato-Ônibus na medida em que embarcamos junto com a equipe do telejornal nessa história, que não levanta nenhuma questão que possa ter repercussão. As coisas são apenas mostradas, como se fossem naturais.

O Discurso que se insere no texto de Pedro Bial já começa a mostrar-se repetitivo. A linguagem que ele busca, de constante interação com os entrevistados – não somente através de perguntas diretas, mas das sonoras completando os *offs* – revela-se como um falso nivelamento de Poder entre jornalista e entrevistado, quando, na verdade, se percebe o deslumbramento dos últimos pelo apresentador do *Big Brother*. Além disso, fica claro a vontade de reificação do Poder da Rede Globo em relação à população somente pela imagem dos jovens tratando a equipe de telejornalismo como celebridades. O “Amém”, dito no final da matéria, contradiz o Discurso de jornalismo imparcial da emissora, na medida em que o repórter está corroborando a opinião do entrevistado somente para mostrar que seus desejos são os mesmos, tornando-lhes, assim, aparentemente equivalentes.

Em relação à última categoria, é o próprio telejornal e a emissora que estão sendo mitificados nessa matéria. Mostrar a comoção do povo de Brodowski com a chegada da *Caravana JN* não contribui em nada para a temática da reportagem, apenas para a emissora. O Mito, então, está esboçado através da Omissão da História. Não questionamos como e porquê a Rede Globo e o *Jornal Nacional* geram essa comoção nas pessoas. Parece que já nasceram assim, que não têm passado.

3.2.2 Três Rios/ Rio de Janeiro

Em 15 de agosto, a *Caravana JN* chegou a Três Rios, onde fez uma reportagem sobre o dono de uma rede de supermercados da cidade. Pedro Bial inicia seu texto dizendo que, nos últimos 40 anos, o município decresceu, perdendo mais de 10 fábricas. Ele afirma que, se não fosse pelo empresário Josemo Corrêa dos Santos, o número de desempregados teria multiplicado.

As imagens do *off* alternam-se entre a entrevista do repórter com o empresário dentro do estoque, cenas da cidade, pessoas trabalhando nos supermercados e fotos antigas da primeira loja. Nesta matéria, o entrevistado também completa os *offs* do jornalista. Josemo conta que sempre foi ganancioso, mas que, aos 12 anos de idade, ao quebrar a perna em vários pedaços e ficar um ano e 8 meses no hospital, sua ganância aumentou ainda mais.

A situação econômica do país é citada ao relatar como Josemo construiu o empreendimento – “E fez o que hoje, com nossas taxas de juros, seria impensável. Endividou-se a valer”, diz Bial. O repórter completa: “Um dia, fez uma descoberta crucial”. O empresário soube que, se passasse um cheque em São Paulo, demoraria três dias para compensar no Rio de Janeiro. “Ai eu fiz uma lenha do diabo, matei a pau”, fala Josemo, que conta sua história de maneira leve e engraçada.

Próximo ao encerramento da matéria, Bial diz que Três Rios seria uma cidade fantasma sem a atuação do empresário. Então, afirma que “o empreendedor quer do próximo governo algo bem objetivo”. O desejo de Josemo é a diminuição dos encargos trabalhistas.

Na finalização da reportagem, vemos o empresário parado de pé no meio do corredor do estoque, em frente à câmera, que faz um movimento descendente e de aproximação (que imita uma grua, mas provavelmente foi feito nos caminhões que transportam caixas de alimentos do próprio supermercado). Enquanto assistimos a esse plano, ouvimos a voz de Pedro Bial: “Josemo Corrêa dos Santos, ABC de um capitalista brasileiro”. Escutamos, então, o empresário dizer em *off*: “Está no sangue, é uma coisa de louco. Não sei se isso é virtude ou defeito, sei lá”. Ouvimos, finalmente, o clique da fotografia, terminando a matéria.

Na reportagem, o Poder manifesta-se através da linguagem, que reafirma o sucesso do sistema capitalista e os benefícios de um empreendimento rentável,

como a criação de postos de trabalho. A crítica à taxa de juros do país e aos encargos trabalhistas não chega a afetar o relacionamento de troca de Poder entre governo e Rede Globo, visto que não são mencionadas as causas desses problemas ou as políticas governamentais da atual gestão em relação a isso. Mesmo que essas causas fossem explicitadas, a taxa de juros está caindo, ainda que lentamente, desde 1996 (SANDRINI, 20/10/2006) – portanto, durante todo o mandato de Lula e o segundo mandato de FHC. Assim, não se constituiria crítica real aos governos do PT ou PSDB, os dois partidos que tinham chance chegar ao segundo turno na época de exibição da matéria e que se mostravam a favor da queda da taxa de juros em suas campanhas eleitorais.

O *Fait Divers* recai na Causa Esperada, já que a reportagem concentra-se na história de um empresário bem-sucedido, que veio de uma família pobre e, mesmo assim, conseguiu prosperar em seu negócio. Bial conta que Josemo nasceu na roça e que seu pai era dono de uma venda de cachaça, que, segundo o próprio empresário, não tinha freguês. Além disso, a hospitalização de Josemo aos 12 anos, em vez de deixá-lo abatido como se esperaria de qualquer criança, o tornou mais ganancioso. Tudo isso fortifica o drama pessoal apresentado na matéria.

O Fato-Ônibus está presente mais uma vez, visto que, apesar de mencionar assuntos importantes, não toca em suas causas. Além disso, a história de uma pessoa pobre que construiu um empreendimento próspero é de interesse universal, pois é ali que as pessoas desejam chegar na sociedade atual – é o Mito do sucesso. Como o próprio Bial escreve no blog da *Caravana JN*, “contar a história de um ‘self-made man’ brasileiro tem algo de fabuloso, insólito, não combina com o horizonte conhecido nesses tristes trópicos. Talvez epopéia seja mesmo assim, estofado de herói” (24/08/2006).

O Discurso, relacionado à categoria de Poder, é Enocrático, pois é alinhado com a lógica capitalista. Ele parte do senso comum da cultura ocidental, que não admite o funcionamento de sistemas diferentes do seu.

O Mito constitui-se no próprio capitalismo, personificado pelo empresário. Aliadas, a imagem do empreendedor e o Discurso de sucesso propagam o Mito do sistema capitalista, que aqui aparece sob a forma da Omissão da História, despojado de sua origem. Naturalizado na matéria, o Mito aparece como metalinguagem – o capitalismo falando dele próprio para a eternização da sociedade burguesa, função principal do sistema mitológico, de acordo com Barthes (1987).

3.3 Região Nordeste

3.3.1 Petrolina/ Pernambuco

A edição do *Jornal Nacional* do dia 28 de agosto foi ancorada por William Bonner em frente ao Palácio Diocesano de Petrolina, em Pernambuco. Após apresentar uma breve introdução à matéria e dizer que a cidade “cresceu ao sabor das frutas”, o apresentador dá a palavra para Pedro Bial, “o comandante da *Caravana JN*, no meio do povo”.

Bial aparece, então, à esquerda do quadro. No fundo, à direita, enxergamos o ônibus da Rede Globo. O Palácio está no centro, e por todos os lados, estão pessoas, que gritam e acenam para a câmera. O repórter afirma que “as pessoas estão muito animadas, pois não é todo dia que o *Jornal Nacional* é ancorado de Petrolina”. Enquanto ele pede silêncio a todos para perguntar “qual é a cara de Petrolina”, corta para imagens aéreas da multidão abanando para as câmeras.

Quando o quadro está novamente nele, Bial introduz de fato a reportagem, que irá relatar a história de Ana das Carrancas, contada pela filha dela, Maria da Cruz. O jornalista relata que Ana já foi condecorada pela presidência e declarada “patrimônio vivo de Pernambuco”.

Depois da vinheta de abertura da série, o primeiro plano que vemos é de Ana, sentada em uma cadeira de rodas, ao lado de seu marido, que é cego. Ouvimos a voz de Bial: “Não se sabe se Ana casou com José Vicente por amor ou caridade”. O jornalista conta, *em off*, como os dois se conheceram e diz que eles “viviam mal no sertão bruto até que Ana ouviu falar...”. Essa é a deixa para a filha da artista começar o seu relato sobre a história da mãe, completando a frase de Bial. Esse recurso é utilizado diversas vezes ao longo da reportagem, deixando o Discurso entrecortado.

Ouvimos, então – entre imagens da cidade, do Rio São Francisco, das carrancas, de fotos antigas e de Ana chorando –, que a artista e o marido caminharam 400 quilômetros para chegar do sertão até a cidade. Quando chegou, para poder usar o barro do leito do rio, ela teve de ir ao prefeito pedir permissão dele, que “desconcertado, não teve como negar”.

Bial relata em *off* que Ana sofreu um derrame há dois anos, perdendo a fala e os movimentos. “Chora por qualquer coisa”, fala o repórter quando aparece mais uma imagem de Ana com lágrimas nos olhos. Ele conta que as carrancas têm os olhos vazados, em homenagem ao marido, e completa: “Ela sempre foi seus olhos, ele agora é a sua voz”. “Eu sou quem separa o barro todo”, fala o homem na sonora, para endossar o relato do jornalista.

Para encerrar a matéria, Bial diz que quem fala pela família é Maria da Cruz, que deseja que o próximo governante seja íntegro e olhe para educação, saúde e cultura. Na nota pé, ele conta que “Ana das Carrancas não transmitiu para as filhas somente a arte de tirar beleza da lama. As três foram à escola direitinho, e Maria da Cruz está cursando a faculdade de Pedagogia”.

Já na cabeça da matéria, o Poder da Rede Globo em relação aos seus telespectadores se manifesta na tietagem da população de Petrolina para a equipe do *Jornal Nacional*, reificado pela voz de “comandante” de Pedro Bial, pedindo silêncio para as pessoas. O fato de a política, mais uma vez, não ser discutida na série *Desejos do Brasil* mostra a posição governista da emissora.

O *Fait Divers* apresenta-se aqui na forma de Causa Esperada, como na matéria anterior, concentrando-se no drama pessoal de Ana das Carrancas. Há destaque para a história de uma pessoa de origem humilde que se destacou nacionalmente, ganhando, inclusive, honras da presidência. É Fato-Ônibus porque, novamente, é de interesse universal assistir a uma história onde alguém consegue prosperar. O sentimentalismo excessivo em cima da figura de Ana das Carrancas e de seu marido cego, que quer provocar comoção no público, é mais um atrativo desse Fato-Ônibus.

O Discurso Encrático, presente nas matérias anteriores, aparece nos clichês poéticos utilizados por Pedro Bial, como “ela sempre foi seus olhos, ele agora é sua voz”, além de “as três foram à escola direitinho”. Essa frase reafirma a valorização da educação formal pela sociedade burguesa, contradizendo o que é mostrado na matéria, onde percebemos que a arte de Ana das Carrancas nada tem a ver com seu grau de escolaridade.

O Mito recai sobre a própria Ana, que representa o nordestino miserável, sofrido, sem escolaridade, que peregrina no sertão (e fora dele) em busca de água. Novamente, é um Mito de Omissão da História, pois não explora os motivos ou trajetória dessa pobreza. Aparece também sob a forma de Vacina, pois nele

reconhecemos um mal accidental, mas não discutimos seu mal essencial. A trajetória de Ana é próspera, apesar do derrame, e mostra o olhar positivo da *Caravana JN* sobre o tema de sua reportagem.

3.3.2 Exu/ Pernambuco

Na cabeça da matéria da série *Desejos do Brasil*, exibida no dia 30 de agosto, William Bonner menciona o “carinho gigantesco” da população de Petrolina/PE e Juazeiro do Norte/CE, onde o telejornal foi ancorado nos dias anteriores. Fátima Bernardes introduz a reportagem sobre “uma cidadezinha nordestina que se tornou famosa por obra de um filho brilhante”.

Após rodar a vinheta de abertura com o caminho percorrido pela *Caravana JN* até o momento, Pedro Bial fala sobre Exu, município do interior de Pernambuco onde nasceu Luiz Gonzaga, conhecido como o rei do baião. Mundica, a cozinheira do músico por 20 anos, conta que as irmãs de Gonzaga não deixavam ele entrar na política.

Em seu *off*, o jornalista diz que o sanfoneiro escolheu a música “sabiamente”, porque política em Exu “é um perigo”, devido a uma rixa entre duas famílias da cidade. Hoje, a disputa não existe mais, mas o repórter conta que o prefeito, que recebe ameaças de morte, tem que viver escoltado pela “polícia de elite da caatinga” (vemos um plano de um grupo de homens uniformizados, com coletes à prova de balas).

Bial passa a falar sobre outras dificuldades de Exu que, segundo ele, “reúne todos os problemas que assolam o sertão nordestino”. A cidade tem 34 mil habitantes, mas só há emprego para os 1,4 mil funcionários de prefeitura. Não há arrecadação de impostos, a rede de esgoto só alcança 10% das casas e não há água encanada. A partir deste momento, vemos muitas mulheres carregando baldes na cabeça e lavando roupas em uma lavanderia pública. O repórter afirma em seu texto: “Nas ruas de Exu, onde chegam 364 mil reais por mês do Bolsa Família...”. Um morador completa: “Eu quero é que continue”.

O desejo da administradora do Parque Museu Aza Branca (sic), que preserva a memória de Luiz Gonzaga, é “ética e respeito para o povo brasileiro”. De acordo

com Bial, ela espera verbas prometidas há três anos. No encerramento da matéria, vemos uma imagem aérea do ônibus *Caravana JN* na estrada, enquanto o jornalista diz, ao som de uma sanfona: “Tomara que o dinheiro chegue antes da festa do aniversário de Luiz Gonzaga, em dezembro”. Passamos a enxergar um grupo de sanfoneiros e ouvimos: “Os súditos do rei do baião agradeceriam”.

Nessa matéria, é a primeira vez que vemos uma observação direta quanto a políticas governamentais. A menção do programa Bolsa Família como algo positivo, que deve continuar, mostra que a emissora quer manter boas relações com o governo petista. A sonora curta, do cidadão de Exu que nem ao menos foi creditado, revela que essa é realmente uma posição da Rede Globo. Esse tipo de depoimento só aparece quando é necessário investir o telejornal de credibilidade, colocando algo na voz da fonte, mesmo que sua fala esteja descontextualizada. Isso revela que há o interesse de manutenção das forças de Poder, até então compartilhadas entre Rede Globo e o governo de Lula.

O *Fait Divers* manifesta-se em dois níveis: em relação a Luiz Gonzaga e à política da cidade. É de Causa Esperada na medida em que a ênfase recai na figura do músico da cidade, na sua trajetória pessoal. Aparece também como um *Fait Divers* de Causa Perturbada ao falar sobre as rixas entre as famílias ou as ameaças de morte ao prefeito sem, entretanto, explicar, criando um clima de mistério para a situação, que remete à política nordestina do banditismo. Essa manifestação da categoria de Barthes preserva uma ambigüidade entre o irracional e o racional, historicamente necessária ao homem.

Encaixa-se também o conceito de Fato-Ônibus visto que, por mais se sejam mencionadas ações governamentais e disputas, isso é feito de maneira tão sutil que não chega a dividir opiniões. O Discurso Encrático, que é próprio da Mídia, está presente através da maneira vaga e difusa com a qual a reportagem relaciona-se ao Poder, fazendo uma observação que aparenta ser natural, isenta e imparcial, quando, na verdade, está carregada de princípios ideológicos da emissora.

Aqui, o Mito personifica-se na cidade de Exu, através da forma de Vacina. Ao exemplo da matéria sobre Ana das Carrancas, o objetivo é mostrar o Nordeste miserável, sem infra-estrutura, dependente de políticas governamentais. É como se não houvesse cidades que prosperam na região, ou como se não existissem municípios tão pobres como Exu em outras partes do Brasil.

3.3.3 Riachão/ Maranhão

Exibida na véspera do feriado do dia 07 de setembro, a matéria da *Caravana JN* mostrou uma escola em Riachão, no Maranhão. Na cabeça, William Bonner e Fátima Bernardes usam adjetivos que vão contra a política de imparcialidade do telejornal. Os apresentadores dizem que “o desafio da educação surgiu imenso” e que a reportagem mostrará uma escola que “deveria preocupar todos os brasileiros de bem”, emitindo um juízo de valor antes mesmo do início do VT.

Depois de rodar a vinheta da série, vemos a fachada de uma escola. Ao abrir a porta, não há paredes. Pedro Bial conta no *off* que ela foi desmoronada há dois meses e que um fazendeiro “fez a cortesia de oferecer sua varanda” para que a professora desse aulas para filhos de lavradores.

Na varanda, que agora funciona como sala de aula, vemos crianças usando chinelos de dedo e roupas simples. A professora diz que ensina, ao mesmo tempo, 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries e que os alunos não conseguem manter uma frequência mínima. As imagens são dos rostos dos alunos, em close.

Como na matéria em Nova Pádua/RS, Bial tem participação ativa durante a aula, desta vez no papel de professor. Ele pergunta às crianças o que é o dia 07 de setembro. A imagem que vemos é do rosto de um menino, com os olhos marejados. Ninguém responde, e o repórter insiste na questão e completa: “Eu aposto que alguém sabe”. Um outro garoto diz em voz baixa que é o dia do desfile. Bial o parabeniza e quer saber seu nome. Ele pergunta para Francisco por que tem o desfile. Francisco diz que é por causa do 07 de setembro. O repórter continua, questionando o que aconteceu naquele dia para ter desfile. Nenhum deles responde.

Bial fala no *off*, em tom de reprovação com aquela situação, que a professora “se orgulha de ter levado um aluno ao ensino médio” nos nove anos que leciona. Ele pergunta para ela se tem gente que vai à escola por causa da merenda. A professora diz que com certeza, e o jornalista diz: “todos?”. Ela afirma que sim. Ouvimos, então, a voz do repórter, em *off*: “Ela não se anima a dizer qual é o seu desejo na hora de votar”. Bial fala para a professora que ela parece estar desanimada. “É hoje só?”, ele pergunta. Ela balança a cabeça negativamente, com os olhos cheios de água, e o repórter finaliza: “Professora Socorro. Maria do Perpétuo Socorro”.

O Poder aparece em duas formas. Uma delas é a superioridade do repórter em relação à professora e aos alunos – não esquecendo aqui que o Poder é a libido dominante, que gera prazer nas duas partes. Entretanto, na reportagem, esse prazer parece vir muito mais do repórter do que dos alunos ou da professora. A insistência de Bial nas perguntas sobre o 07 de setembro causa desconforto não somente nos alunos de Socorro, como também no telespectador. A outra manifestação de Poder é através da falta de menção à ação educacional (in)existente no país, deixando de comprometer governos e, portanto, relações de Poder entre emissora e governantes são mantidas.

Mesmo tocando em um assunto importante, o Fato-Ônibus e o *Fait Divers* não podem ser negados, à medida que a reportagem trata aquela realidade como um circo, um espetáculo, algo a ser mostrado e admirado. Manifesta-se na forma de Causa Esperada, já que o tema recai sobre o drama pessoal da professora e de seus alunos, que não conseguem responder o que aconteceu no dia 07 de setembro. Pode até chocar os telespectadores – intenção clara da matéria pela maneira que o Discurso é construído e que as imagens são editadas –, mas não levanta questionamentos, não incita discussão, não divide opiniões – confirmando, portanto, a presença do conceito de Pierre Bourdieu.

O Discurso Encrático dos meios de comunicação de massa está presente, pois a linguagem utilizada combina com a doxa, com a opinião corrente. A reportagem é aparentemente factual e, ao mesmo tempo, legitima a dominação. Desde a cabeça da matéria até a frase final de Bial, os juízos de valor estão sempre presentes. É com ironia, por exemplo, que o repórter diz: “Dando aulas há nove anos, a professora se orgulha de ter levado um aluno até o ensino médio”.

Novamente, está aqui mitificada a visão do nordestino pobre e sem educação, explorada incansavelmente na reportagem. Esse Mito aparece sob a forma de Vacina – admitimos um mal aparente, mas não discutimos o problema estrutural. É vergonhoso ver a humilhação que Pedro Bial faz a professora e os alunos passarem diante das câmeras. O Discurso da matéria é todo construído para chocar o telespectador e oprimir os entrevistados, culminado com o trocadilho do jornalista com o nome Socorro e o clique de fotografia nos olhos de choro dela.

3.3.4 BR-316/ Maranhão-Pará

A matéria exibida no dia 08 de setembro, uma sexta-feira, começa com uma peculiaridade: entra logo no início do *Jornal Nacional*. Fato único, pois a série *Desejos do Brasil* sempre fechou o telejornal, a não ser em algumas edições de sábado ou quando a ancoragem era feita nas regiões. A prioridade dada à reportagem sobre a BR-316, no trecho que liga Maranhão e Pará, chegou aos candidatos à presidência. A matéria teve, inclusive, direito à repercussão no sábado, quando os repórteres do *JN* fizeram perguntas aos candidatos sobre o caso.

Na cabeça, Fátima Bernardes diz que “a equipe de Pedro Bial soube que encontraria pela frente, simplesmente, a pior estrada do Brasil”. A apresentadora completa: “Sabe lá o que é isso? A pior estrada – de um país que tem algumas das piores estradas do planeta?”. Antes de rodar a vinheta, ela acrescenta que “a *Caravana JN* tem o desprazer de apresentar” aquela matéria.

Enquanto Bial fala que o Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT) elegeu aquele trecho da BR-116 como a pior estrada do país, imagens do ônibus da Rede Globo ilustram o *off*. O repórter continua seu texto, de maneira irônica – a imagem de um burro aparece na tela: “Não, para ser mais preciso, esse trecho da BR-116 é só uma caricatura sem graça das estradas e da infra-estrutura do Brasil”. Ele completa, ao passar por uma placa: “Ah, outra piada de mal-gosto: posto fiscal”.

Assistimos ainda a planos do ônibus global quando escutamos que não se consegue andar a mais de 30km/h. “De excesso de velocidade aqui não se morre”, ouvimos a voz do jornalista. Vemos, então, Bial sentado ao lado do motorista da *Caravana JN*. Nessa curta passagem, ele diz que percorreram 26 quilômetros em 1h25min de viagem. Logo, escutamos de novo sua voz em *off* e assistimos a ele conversar com um caminhoneiro deitado em uma rede, enquanto espera o socorro chegar. O jornalista observa, ironicamente: “Pode demorar”. Ele conversa com outro caminhoneiro, que relata de maneira irritada que está com o veículo estragado desde sábado e que ninguém parou para socorrê-lo.

Estamos novamente dentro do ônibus da *Caravana*, vendo parte da equipe, mas não o repórter. Dele, somente a sua voz: “Vamos mantendo a média”. A imagem corta para um plano feito de dentro do veículo da Rede Globo, no qual

vemos Pedro Bial andando na beira da estrada. Esta é sua segunda passagem: “Tem suas vantagens. Se o ilustre passageiro cansar do sacolejo, ele pode ir caminhando, se exercitando. A velocidade é a mesma do ônibus”.

Na tela, vemos agora um plano rápido do repórter caminhando na estrada de frente para a câmera e, logo depois, estamos dentro do ônibus da *Caravana JN*, assistindo a um enorme caminhão, com a bandeira do Brasil pintada na lateral, passar. O motorista grita alguma coisa que não entendemos, e o repórter fala, em *off*: “Somos saudados por gritos: ‘Mostra a vergonha do Brasil!’, ‘Mostra onde foram parar nossos impostos!’”. Ele continua, com mais imagens do ônibus global ilustrando a matéria, em tom sarcástico: “Olha as placas de sinalização, os olhos de gato, as faixas do asfalto. Olha o asfalto. Olha a única estrada federal que liga o Maranhão ao Pará”.

Na finalização da reportagem, Bial diz: “Adivinha qual é o desejo desse povo?”. Um plano fechado de uma pessoa segurando um cartaz escrito SOS aparece. Há mais gente em volta dela, mas não conseguimos precisar o tamanho do agrupamento, nem se eles estão ali reunidos, de fato, por causa das condições da estrada. Percebe-se que tem algo escrito em baixo do SOS, mas não conseguimos ler o que é.

A reportagem sobre a BR-116, apesar de criticar as condições da estrada, mostra-se governista. A relação de troca de Poder entre emissora e governo federal aparece por não haver nenhuma menção sobre as ações no mandato de Lula para a melhoria das estradas brasileiras – que não existiram, a não ser pela Operação Tapa Buraco, duramente criticada por especialistas e, inclusive, por membros do PT, como Delcídio Amaral. O senador de Mato Grosso do Sul afirmou, por exemplo, que “ficamos novamente no remendo e não resolvemos o principal” (FOLHA ONLINE, 09/01/2006).

Devido ao sensacionalismo da reportagem de Pedro Bial, podemos classificá-la como *Fait Divers*. Além disso, a superficialidade e a emocionalidade (que aparecem no encerramento do jornalista) também fazem a matéria se encaixar no conceito de Barthes. Apresenta-se na forma de Causa Perturbada, pois não conseguimos precisar imediatamente o que ocasionou aquele fato.

O Fato-Ônibus encontra-se presente por não provocar questionamento ou dividir opiniões. A maneira como o texto é construído, à base de ironia partilhada com o telespectador, não incita a discussão. A reportagem é feita para indignar o

público, mas não o ajuda a compreender o motivo do problema apresentado. Como Bourdieu (1996) afirma, afasta as informações que o cidadão deveria possuir para exercer seus direitos democráticos.

Isso nos leva à próxima categoria. A linguagem da matéria é factual, traz a opinião corrente – assim, a ironia utilizada na combinação do texto com as imagens é um bom artifício, pois o espectador partilha mesma realidade que o veículo de comunicação. Portanto, está presente novamente, na série *Desejos do Brasil*, o Discurso Encrático, que legitima a dominação.

O Mito aqui aparece na fala despolitizada sobre as condições da malha rodoviária no país. Enxergamos o problema com clareza de constatação, sem real explicação para ele. Está presente na forma retórica de Vacina, pois é um mal reconhecido, que alimenta o imaginário coletivo, mas que não admite seu mal essencial para evitar uma subversão generalizada. Além disso, podemos perceber na fala de Bernardes a Tautologia, forma mítica que define o mesmo pelo mesmo. Afinal, imaginar a pior estrada entre uma das piores estradas é somente imaginar uma estrada muito ruim, mas não a pior de todas.

3.4 Região Norte

3.4.1 Santarém/ Pará

A reportagem exibida no dia 16 de setembro mostra a festa do Sairé, realizada na região amazônica há mais de 300 anos. Depois da cabeça no estúdio e da vinheta de abertura da série – agora com imagens do barco da *Caravana JN* (anexo 4) –, Pedro Bial conta, em *off*, que os jesuítas aproveitaram o ritual de fertilidade nativo para catequizar os índios. Eles juntaram, então, a cruz, o arco e a flecha formando a “trindade amazônica”. Vemos imagens de pessoas idosas rezando, em um ritual religioso.

De repente, estamos assistindo a jovens dançando ao som de uma música vertiginosa. Escutamos a voz do repórter dizer que, com o tempo, o ritual foi se tornando “mais sensual que temente a Deus” e que, por isso, a “Santa Igreja” proibiu

a festa em 1943. Na tela, vemos o que parece um desfile de Carnaval, com carros alegóricos e fantasias. Bial conta que o Sairé voltou nos anos 70 e “copiou a idéia de Parintins”, criando uma disputa, não entre os bois Caprichoso e Garantido, mas entre os botos Cor-de-Rosa e Tucuxi.

“Ensina a lenda, o boto é o pai das crianças sem pai”, diz Bial, que completa: “Nas noites ribeirinhas, vira um moço bonito (...) e se deita com as eleitoras”. Neste momento, passamos a ver imagens de mulheres jovens, em trajes típicos, dançando carimbó. Cada uma que aparece dançando, dá seu depoimento sobre o que deseja para o Brasil. Elas mencionam mais iniciativa do próprio povo, mais organização, fim da fome e melhores condições de vida para as crianças.

Depois das sonoras, intercaladas com a dança das “eleitoras”, Bial faz sua passagem do que parece ser um camarote, no qual podemos ver o desfile acontecendo lá embaixo. “Afinal, o antigo rito de fertilidade se reafirma e reaviva no balé da sedução do boto”. Passamos novamente a ver imagens das moças dançando de maneira sensual para as câmeras. Em *off*, o jornalista fala: “Diante de caboclas tão sestrosas, a pergunta: Quem é o sedutor e que é o seduzido? Sem trocadilho, Santarém, o santo harém do Boto”. A imagem de uma mulher com as palmas juntas, baixando a cabeça – como se estivesse rezando –, encerra a matéria.

O Poder manifesta-se aqui pela falta de menção à política, apenas um dia após a eclosão do escândalo do dossiê contra os tucanos. O máximo que se faz durante a reportagem é se referir às mulheres como eleitoras. Isso mostra que a Rede Globo ainda tentava manter relações pacíficas com o governo.

O conceito de *Fait Divers* encaixa-se perfeitamente nesta matéria, onde não é necessário nenhum conhecimento prévio – é uma informação total, na qual a história acaba em si mesma. Encontra-se sob a forma de Causa Esperada, onde o foco está nas eleitoras e seus desejos. A festa do Sairé, como mostrada pela *Caravana JN*, não provoca reflexão – é feita para atingir todos os públicos e ser admirada (afinal, é parecida com a festa mais popular do Brasil: o Carnaval). Podemos afirmar, portanto, que é um Fato-Ônibus.

O Discurso Encrático manifesta-se não somente pelas palavras de Pedro Bial, mas também pelas imagens. O que vemos na tela combina com a doxa, já que nos remete ao Carnaval. A linguagem reflete o Discurso da cultura de massa, caindo em clichês – como “reza a tradição”, “A Santa Igreja” e “ensina a lenda” – ou em

expressões locais, para criar identificação com a região – como “cabocla sestrosa”. Além disso, não há maior prova do Discurso Enclítico do que a negação do trocadilho que o repórter faz no fechamento da matéria.

O Mito encontra-se nas imagens das jovens nortistas e como elas são representadas na reportagem. Estão ali não somente para mostrar a beleza da mulher do Norte e, conseqüentemente, da brasileira em geral, mas para dar um viés positivo à matéria. Associadas ao rito da fertilidade, elas representam um Brasil que ainda tem esperança, quando, na verdade, após dois anos de escândalos políticos, a falta de motivação em relação a qualquer governo é, ao menos, esperada. Manifesta-se, portanto, através da Omissão da História.

3.4.2 Rio Amazonas/ Amazonas

Na cabeça da matéria, exibida em 19 de setembro, Fátima Bernardes conta que já faz 50 dias que a *Caravana JN* “busca os desejos dos brasileiros neste ano eleitoral”. É a última reportagem feita de barco e apresenta um *tour* da embarcação. O tema agora são os desejos da própria tripulação. Não dos integrantes do *Jornal Nacional*, mas de cozinheiras, operador de máquinas, capitão, etc.

O texto que Pedro Bial constrói é poético, com direito a rimas. “O que foi durante oito dias o lar da *Caravana JN*, agora volta a ser Spartacus, oh querido barco a motor. Motor: 840 cavalos urrando na casa das máquinas sem parar”, começa ele, enquanto vemos imagens da parte interna e externa da embarcação.

Assistimos a planos da cozinha. O repórter cumprimenta, em *off*. “Bom dia, Joana e Selmira, responsáveis pela boa comida”. As duas manifestam seu desejo de educação e emprego. Logo depois, o plano de um rapaz colocando a mesa para a refeição. “O Robson acabou de casar, tem um mês”, diz o jornalista. “Justiça, né?”, fala o rapaz na sonora.

Vemos a equipe da *Caravana JN* sentada à mesa, comendo. Bial passa uma garrafa de Coca-Cola para a editora de imagens, Gisele Machado. “No refeitório, se abre a boca para comer. Só se escuta as máquinas”, ouvimos apenas voz do jornalista e o ruído do motor. Um membro da tripulação, não creditado, fala: “Honestidade”.

No *off*, escutamos somente a voz de Bial, contrastando com os barulhos dos planos anteriores: “É um pouco melhor para frente, perto da proa. Tem rede”. Vemos um repórter cinematográfico limpando a lente da câmera, enquanto outra pessoa descansa, estendida na rede. Outro membro da tripulação, também não creditado, diz que quer acabar com a fome, que existe por causa dos políticos corruptos.

Gisele aparece novamente ao lado de Pedro Bial. Ela trabalha em uma ilha de edição, e ele, em um laptop. No *off*, escutamos: “Na sala onde trabalhamos tem até ar-condicionado”. Corta para a imagem do comandante do barco. “Confiança no comandante Odivar, lá em cima, no timão”. Ele deseja educação e saúde.

Vemos a equipe da *Caravana JN* sentada em sofás e uma grande televisão, fora do ar. “Abaixo, fica nossa sala de estar. Tem TV, mas não funciona. Uma semana sem ver o *Jornal Nacional*. Uma semana ligados ao mundo pela linha do satélite, mandando daqui para aí, trazendo o longe para perto”, diz o repórter, enquanto assistimos alguém falar através de um rádio.

Já é noite no barco, e vemos duas pessoas segurando lanternas em direção ao Rio. “Esperto. Holofote em ação para não dar idéia a pirata. Pois é, tem pirata no Rio Amazonas”. Aparece a imagem de um laptop em cima de uma cama. Alguém dá boa noite e fecha a porta. “Nem se pensa nisso na hora de apagar na cabine, depois de um dia duro de beleza”, diz Bial, com a imagem de um pôr-do-sol na água.

O jornalista encerra a matéria: “Chegamos a Manaus hoje, às 5h. É assim uma caravana, feita de tantos encontros quanto despedidas”. Assistimos, então, à tripulação do barco posar para a foto final da reportagem. No GC, aparece o endereço eletrônico do *Jornal Nacional*.

O Poder está novamente oculto pela falta de menção direta a campanhas eleitorais, políticas governamentais e outras ações características da cobertura jornalística em período pré-eleitoral. Mesmo com o escândalo do dossiê tomando conta da mídia, a *Caravana JN* ainda tenta manter, aparentemente, uma boa relação com o presidente da República.

Podemos afirmar que a matéria é um *Fait Divers*, pois é imanente, acaba em si mesma. Não necessitamos de nenhum conhecimento prévio de mundo para compreendê-la. Apresenta Causa Esperada, visto que o foco recai na história pessoal de cada tripulante, como quando Pedro Bial menciona há quanto tempo Robson (que nem sabemos o que faz no barco) está casado.

É possível aplicar também o conceito de Fato-Ônibus, já que a reportagem não passa de variedades, cujo único objetivo é mostrar como a equipe do *JN* passou seus oito dias a bordo de um barco. Sem qualquer relevância, a reportagem de Bial, apesar de interessar aos telespectadores na medida em que supre sua necessidade de apreciar os bastidores da produção televisiva, não contribui para que o cidadão exerça seus direitos democráticos. É como se o repórter estivesse novamente no papel de apresentador de *reality show* – só que desta vez a casa se transformou em barco, e os *brothers* são os tripulantes e a equipe do telejornal.

O Discurso Enchrático continua sendo referência para a série *Desejos do Brasil*, que nessa matéria volta a usar expressões populares em meio às tentativas poéticas do jornalista. A distorção do dito “só se abre a boca para comer” para “se abre a boca para comer, só se escuta as máquinas” ilustra a utilização da doxa, assim como a frase de encerramento. Além disso, os desejos dos tripulantes (vale lembrar que eles não são funcionários da Rede Globo) estão ali em segundo plano, o foco está mesmo é na rotina da equipe do *Jornal Nacional* dentro do barco.

O Mito, portanto, gira novamente em torno da própria emissora, do *JN* e de sua equipe. Apesar de apresentar a equipe em momentos de descontração, tornando-a mais humana – fazendo refeições, descansando na rede, olhando televisão –, o fato de mostrar o que faziam no horário de lazer já é mitificá-la. Novamente, aqui se estabelece uma relação de Poder com o telespectador que, nesse caso, é levado a pensar que está em igualdade com a emissora e o telejornal, quando, na verdade, está apenas consumindo um sistema simbólico segundo – que partiu do próprio *JN*. Manifesta-se, então, na forma de Identificação.

3.5 Região Centro-Oeste

3.5.1 Fazendas em Goiás e Mato Grosso

A matéria de *Desejos do Brasil* do dia 26 de setembro visita duas fazendas – uma em Goiás, outra em Mato Grosso – para “ouvir o desejo dos pecuaristas”, como diz Fátima Bernardes na cabeça. Após a vinheta de abertura da série, vemos o

ônibus da *Caravana JN* em uma estrada, cercado por bois. “Boi, ninguém tem mais que o Brasil. Uma das conseqüências da revolução do agronegócio. Hoje, um pecuarista que queira se manter no mercado tem que reinvestir no mínimo 15% do seu lucro em melhoramentos genéticos”, diz Pedro Bial no *off*, coberto de imagens de gado.

Em Goiás, o produtor Kiko fala que precisa investir no melhoramento do capim, do sal, da vacina e da carne. Em Mato Grosso, o pecuarista Domingos conta que “chega a investir alguns milhões de reais para que o retorno venha a longo prazo”. O repórter, em *off*, afirma que “nem a crise da febre aftosa tirou o Brasil da liderança da produção e exportação da carne bovina. Já o dólar baixo...”. Kiko completa o pensamento do repórter, dizendo que o produto está ficando muito caro no mercado internacional e acaba sendo vendido somente no Brasil. “Há uma superoferta de produtos, e o preço baixa”, relata.

Bial diz, então, que os criadores de gado querem juros baixos para equilibrar o dólar. “No voto pecuarista, desejo de independência”, ouvimos o jornalista no *off*. Domingos conta que o campo está dispensando 30% dos seus funcionários em função da crise da pecuária e da agricultura e que deveriam estar “gerando emprego, melhorando o nível de renda da pessoa”.

Na sonora, Kiko diz que “do próximo governo, a gente quer honestidade, trabalho e que olhe com carinho para a classe produtora rural desse país”. Bial faz, então, uma pergunta – mas não aparece em nenhum momento na reportagem, é sempre coberto por imagens. “Quando você pede carinho do governo, quer que o governo ajude o pecuarista?”, questiona. “Se não ajudar, pelo menos que não atrapalhe, né Bial, que dê condições para o pecuarista e o produtor rural seguir em frente o seu caminho”, responde. A reportagem acaba com o clique fotográfico em um grupo de bois.

Notamos que a relação de Poder entre Rede Globo e governo alterou-se, considerando as matérias da série *Desejos do Brasil* analisadas anteriormente. Pedro Bial, pela primeira vez, interpela o entrevistado sobre as ações governamentais desde o início da *Caravana JN*. Isso acontece apenas três dias antes da liberação das fotos do dinheiro do dossiê contra os tucanos – que a revista Carta Capital chamou na capa de “A trama que levou ao segundo turno” (CARTA CAPITAL, 18/10/2006) –, quando o Ibope mostrava crescimento de votos para Geraldo Alckmin (IBOPE, 28/09/2006).

Podemos dizer que a matéria é um *Fait Divers* de Causa Esperada, já que constitui uma informação total, na qual a história acaba em si mesma, e mantém o foco no drama pessoal dos dois pecuaristas. Manifesta-se também como Fato-Ônibus, pois, apesar de levantar questões econômicas que podem gerar conflito – como taxa de juros e câmbio –, a reportagem estrutura-se de forma que concordemos com os produtores rurais.

Apresenta Discurso Encrático visto que, como acabamos de observar, traz apenas uma visão de mundo, que não deve ser questionada. É, portanto, único e supremo, se apresentando ao telespectador como algo natural. Sabemos que a língua é fascista, não se esgota em sua mensagem. As entonações das frases de Bial, como “Já o dólar...”, estão cheias de ironias e julgamentos, contrariando, mais uma vez, a imparcialidade almejada pela Rede Globo.

A reportagem apresenta o Mito dos benefícios do latifúndio e do agronegócio em termos de microeconomia, como geração de emprego e de renda. Sabe-se, entretanto, que esse modelo propicia poucas vagas de trabalho, visto que preza pela utilização de novas tecnologias. Além do mais, a criação de gado em si, atividade do setor primário, típica dos países em desenvolvimento, não necessita de tantos trabalhadores assim, tanto é que, durante toda a reportagem, além dos donos das fazendas, só vimos um peão no campo com os bois. Manifesta-se na forma de Vacina, pois um mal reconhecido – os juros altos – esconde o mal essencial do país, que é estrutural.

3.5.2 Brasília/ Distrito Federal

Em 29 de setembro foi ao ar a última reportagem da *Caravana JN*. Com Pedro Bial entrando ao vivo de Brasília, o telejornal finalizou sua edição com a exibição da série *Desejos do Brasil*. Do estúdio, Bonner diz que o ônibus “estacionou hoje na capital federal” e que “é lá que está o investigador-chefe”.

Na frente do ônibus do *Jornal Nacional*, com uma multidão separando ele do veículo, Bial afirma que “essa história de investigar os desejos das pessoas é coisa séria” e que, depois de dois meses de viagem, mostrarão quem são as pessoas que podem atender esses pedidos. “Quais são as atribuições de um presidente, de um

governador, dos deputados estaduais e federais? E o dever do eleitor, se esgota no voto?”, pergunta ele, antes de rodar a vinheta da série.

“Volta ao mundo Brasil em 60 dias. Bem-vindos a Brasília, a invenção mais extravagante da história política brasileira”, começa Bial no *off*, enquanto vemos imagens do ônibus da Rede Globo, percorrendo as ruas da capital do país. Ele continua: “Às vésperas das eleições, uma esplanada chamada desejo. Desejos tantos, vindos de todo país. Como a população da capital”.

Quatro pessoas, não creditadas, aparecem na tela contando o que querem: menos corrupção, saúde, segurança, escola para as crianças e um salário melhor. A reportagem conversa, então, com o cientista político da UnB Ricardo Caldas, “para saber quem pode atender aos principais desejos dos eleitores”. Vemos um plano noturno – provavelmente de arquivo – de um homem armado, enquanto Bial pergunta: “Segurança é atribuição do presidente?”. Caldas afirma que é do governo estadual, mas que este depende da transferência de recursos do governo federal para funcionar bem.

No *off*, assistimos a imagens de locais por onde a *Caravana JN* passou. O jornalista fala: “Saúde. O que pode fazer um deputado estadual pela saúde?”. O cientista político responde que tanto o deputado estadual quanto o federal devem fiscalizar se os recursos previstos para a saúde estão realmente chegando ao seu destino.

O repórter quer saber, também em *off*: “Educação de qualidade, esse clamor nacional, de quem cobrar esse direito?”. Caldas conta que a prefeitura e o governo estadual devem atuar nessa área no ensino fundamental e médio, respectivamente. Bial afirma: “Porém, para Ricardo Caldas, mais importante do que as autoridades, é quem as investe de autoridade”. Depois de mais uma sonora do cientista político, Bial continua seu *off*, ilustrado por imagens feitas pela equipe itinerante do *JN* em dois meses: “Em resumo, saneamento básico, estradas, infra-estrutura, impostos abusivos, essas e outras urgências são responsabilidade de todos os eleitos e eleitores”.

Caldas diz que a democracia não é apenas o ato de votar, mas que é um processo e que este processo não tem fim. Antes da foto final da reportagem, do ônibus da *Caravana JN* na estrada, Bial encerra: “Dois desejos sintetizam todos. O brasileiro quer paz e chances de prosperar. Nem mais, nem menos”.

Finalizada a reportagem, no estúdio, Fátima pede para Bial sintetizar a experiência. “Depois de tudo o que você viu, dos muitos desejos que você ouviu, dos quilômetros que você rodou e navegou, qual seria o resumo dessa ópera para você, como repórter e comandante desta *Caravana?*”.

O jornalista afirma que constatou uma mudança de comportamento no eleitor do país. “No início, era evidente um desencanto geral. Aos poucos, esse desencanto evoluiu para uma saudável desconfiança”, diz ele, que chama o eleitor brasileiro, com “20 anos de democracia plena”, de maduro e pragmático. O repórter continua: “Olha, eu ousou afirmar também que o brasileiro adora eleição porque o brasileiro adora festa, mas quer trabalho e prestação de contas do seu representante. O recado das urnas, seja qual for o resultado eleitoral, pode ser resumido assim, em uma frase: trabalhem e me deixem trabalhar”.

Depois de alguns elogios de Fátima Bernardes e William Bonner ao jornalista e à equipe da *Caravana JN*, Pedro Bial fala, enfático, ao microfone: “Bom voto, William. Bom voto, Fátima. Bom voto, Brasil!”. Os apresentadores dão boa noite aos telespectadores, e está encerrado o projeto da Rede Globo para eleições de 2006.

O Poder se manifesta novamente de maneira sutil, desta vez, através da fala do entrevistado quando explica de quem é a responsabilidade da segurança pública. O telejornal utiliza a sonora para mostrar seu próprio Discurso. Com a afirmação de Caldas sobre a inabilidade do governo estadual de tratar a questão sem os repasses do dinheiro pela administração federal, a Rede Globo e o *Jornal Nacional* conseguem tornar a questão da violência, discutida nas campanhas eleitorais em nível estadual, um problema de esfera nacional e, primordialmente, do governo federal. Isso mostra mais uma vez que as relações entre Lula e Rede Globo se alteraram após o não comparecimento do presidente ao debate da emissora no dia anterior e o escândalo do dossiê, que teve as fotos do dinheiro divulgadas nesta mesma edição, do dia 29 de setembro.

O *Fait Divers* não se concentra na reportagem de *Desejos do Brasil*, mas está na conversa entre Fátima Bernardes e Pedro Bial após a exibição do VT. Encontra-se na forma de Causa Esperada, tratando sobre a experiência pessoal do repórter nos dois meses de *Caravana JN* e sua opinião sobre o eleitor brasileiro. Bial é o personagem principal, e a ação se concentra no seu drama pessoal.

Da mesma forma, é aí que está o Fato-Ônibus, que interessa a todos, porém, não é de relevância nenhuma. Perde-se o tempo precioso do telejornal mais

assistido do país com as opiniões do repórter, quando a matéria poderia aprofundar o tema. Aliás, entre 53, essa foi a segunda reportagem que tratou abertamente de política e do pleito de 2006 em todo o projeto da emissora. A outra foi exibida no dia anterior e falava sobre a preparação dos mesários em um colégio eleitoral.

O Discurso Enchrático está em todos os *offs* do jornalista e continua na fala de Bernardes e Bial no encerramento do *Jornal Nacional*. Bial refere-se ao título do livro de Jules Verne, uma expressão que caiu no uso comum, para começar a poesia pretensiosa de sua matéria. Chama Brasília de “a invenção mais extravagante da história política brasileira”, quando, apenas de dois anos para cá, podemos apontar outras inúmeras maneiras de gastar verbas públicas de maneira irresponsável. O jornalista apela para o sentimentalismo do público novamente ao tentar a reportagem-poética em “uma esplanada chamada desejo” e “educação de qualidade, esse clamor nacional”. Após a matéria, Fátima continua com o uso dos clichês ao querer saber o “resumo da ópera”.

É na nota-pé que a suposta imparcialidade da Rede Globo é comprometida no momento em que um de seus repórteres faz generalizações sobre a população brasileira. Preso ao fascismo da língua (BARTHES, 1996), Bial reifica a imagem do povo como festeiro, mas trabalhador.

Ele se mantém preso ao Discurso Enchrático quando afirma que o eleitor passou do desencanto a saudável desconfiança. É o Mito através da Constatação, o lugar-comum que se manifesta de maneira mais elaborada que a Tautologia. Segundo o repórter, o eleitor tem desencanto ou desconfiança. Entretanto, de qualquer maneira, ele é enganado. A diferença é que, na primeira palavra, ele já foi enganado e, na segunda, ele só suspeita que é passado para trás.

4. VINHETA DE ENCERRAMENTO

Após a análise de doze reportagens da série *Desejos do Brasil*, podemos responder às perguntas propostas no início do trabalho sobre a *Caravana JN*, baseando-nos nas categorias de Roland Barthes e no conceito de Pierre Bourdieu. De que forma Rede Globo alia-se ao Poder vigente? Como o Discurso foi utilizado para transmitir conteúdos ideológicos? De que maneira o *Jornal Nacional* usa os *Fait Divers* e os Fatos-Ônibus para desviar a atenção da audiência e pautar as discussões eleitorais entre os candidatos? Quais são os Mitos reforçados pela *Caravana JN*?

Lembramos que o método aplicado neste estudo, Dialético Histórico-Estrutural, não tem como objetivo explicar tudo, mas sim compreender melhor a realidade histórico-social, percebendo a incursão dos atores como marca política desse processo (DEMO, 1990). É um método qualitativo que, apesar de perceber a ciência como projeto político, possui sistemática e requer rigor científico. A DHE une as Condições Objetivas – a história como parte da estrutura dinâmica – e Subjetivas – a decodificação do objeto a partir dos conceitos de Barthes e Bourdieu – para tentar apreender a complexidade da realidade.

O Poder, primeira categoria de Barthes aplicada, apareceu em todas as matérias presentes neste trabalho de forma velada, sem tomar posições diretas em relação ao governo ou suas políticas. Em sua maioria, as reportagens favoreceram o presidente Lula, mostrando aspectos positivos da sociedade brasileira – a escola do Rio Grande do Sul, as histórias de prosperidade do empresário Josemo Corrêa dos Santos e da artista Ana das Carrancas, as cidades de Portinari e Luiz Gonzaga e a festa do Sairé são as que mais se destacam por seu tom otimista. Em Exu, através de uma sonora não creditada, falou-se, inclusive, favoravelmente do programa Bolsa Família. Apenas nos dias 06 e 08 de setembro, quando Bial foi à classe da professora Socorro e mostrou as condições da BR-116, o tom foi pessimista, não oferecendo conforto ao telespectador no final do VT.

Percebemos uma mudança de comportamento em relação ao governo na matéria do dia 26 de setembro, onze dias depois da eclosão do escândalo do dossiê contra os tucanos. Porém, mesmo tendo passado mais de uma semana do fato, é importante observar que esta é a única vez que Pedro Bial questionou o entrevistado

diretamente sobre as ações governamentais durante as reportagens de *Desejos do Brasil*. Na noite de 29 de outubro, um dia após o debate da Rede Globo, ao qual Lula não compareceu, e a menos de dois dias das eleições; o viés da matéria de Brasília também não se mostrou favorável ao governo. Vale lembrar aqui que nesta mesma edição do *Jornal Nacional* foram exibidas as fotos do dinheiro para a compra do dossiê, que podem ter levado as eleições ao segundo turno. Tudo isso é evidência de que as relações entre a emissora e o governo estavam se alterando, apesar de ainda não sabermos o motivo disso.

Todas as matérias apresentadas na pesquisa constituíram-se em *Fait Divers* – ou seja, o telespectador não precisava recorrer a nenhuma informação externa à reportagem para entendê-la, visto que ela se apresentava de forma imanente. Dez delas se manifestaram através de Causa Esperada, concentrando-se no drama pessoal e fugindo à contextualização. Podemos concluir, então, que a *Caravana JN* estava mais preocupada em personalizar os temas abordados nas reportagens do que ampliar sua visão sobre os problemas brasileiros a partir dessas histórias.

Todas as reportagens constituíram-se também em Fatos-Ônibus. Ao mesmo tempo em que traziam curiosidades de interessante geral, não abordavam assuntos de relevância para a o exercício dos direitos democráticos do cidadão – questão tão importante – e diria, até mesmo, essencial –, já que nos encontrávamos em pleno período de campanhas eleitorais e que a própria Rede Globo havia feito propaganda da série como parte integrante da cobertura da emissora para as eleições 2006. Portanto, é preciso salientar que as matérias de *Desejos do Brasil* ocuparam tempo precioso no telejornal de maior audiência do país com variedades, quando poderiam estar apresentando informações de maior relevância ao telespectador – estando ou não relacionadas ao pleito.

Apenas uma vez a *Caravana JN* penetrou nas pautas discutidas pelos candidatos à presidência. Mesmo assim, porque os repórteres do telejornal, no dia após a exibição da matéria sobre a BR-116, perguntaram aos presidentiáveis que medidas seriam tomadas para modificar aquela situação caso fossem eleitos. Na única vez que uma matéria de *Desejos do Brasil* se aproximou de pautar a campanha eleitoral, a discussão foi jogada para fora do projeto da *Caravana JN*. Percebe-se, então, excetuando-se esse episódio, que não era de interesse da emissora provocar grandes debates em torno dos problemas do país com o seu projeto para as eleições 2006. Seu objetivo parece ter sido manter o *status quo*.

O Discurso Encrático também esteve presente na totalidade de matérias analisadas. Ora através da língua, ora através das imagens, ou mesmo com os dois elementos associados; o Discurso único, supremo e dominante, característico da doxa, mostrou-se como o elemento que, muitas vezes, revelou a presença de outra categoria de Barthes. Por vezes, o Discurso estava associado ao Poder; outras, revelava a presença de um *Fait Divers* ou Fatos-Ônibus ou, até mesmo, ajudava a reforçar o Mito apresentado na reportagem. Mostrou-se, na verdade, como um instrumento pelo qual as outras categorias manifestavam-se.

O Mito não se ausentou em nenhuma das reportagens de *Desejos do Brasil*. As formas mais constantes de sua presença foram a Vacina e a Omissão da História. Isso confirma o olhar positivo sobre o Brasil no período eleitoral. As reportagens preferiram mostrar um mal accidental a revelar um mal essencial sobre os problemas do país. Assim, também, ao apresentar somente esse mal reconhecido, a *Caravana JN* evitava recordar a história desse Mito, apresentando-o como algo natural, sem origem.

A Caravana JN reforçou os Mitos de cada região e não se esforçou para apresentar uma imagem diferente da localidade àquelas que já existiam no imaginário do telespectador. No Sul, ficou evidenciado o suposto desenvolvimento de seus estados através da matéria de Nova Pádua, por exemplo. No Sudeste, priorizou-se o caráter empresarial na reportagem de Três Rios. No Nordeste, reificou-se a imagem de região pobre e povo sofrido, através das matérias de Petrolina, Exu e Riachão. No norte, as riquezas do local personificadas pelo folclore e pelo povo na reportagem de Santarém. No Centro-Oeste, a importância do agronegócio para o desenvolvimento do país na matéria sobre as fazendas. Além disso, a emissora e o telejornal reforçaram sua própria imagem mítica diante do telespectador ao mostrar a tietagem da população com a chegada do ônibus da *Caravana JN*, como na reportagem de Brodowski, ou a fazer sua própria equipe foco da matéria, como foi feito no Rio Amazonas.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BARTHES, Roland. **O Neutro**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um Discurso amoroso**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Lisboa: Ed. 70, s.d.
- BARTHES, Roland. **Mitologias**. 7ª ed. São Paulo: Difel, 1987.
- BARTHES, Roland. **Ensaio Críticos**. Lisboa: Ed. 70, 1971.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. 15ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- BORNHEIM, Gerd A. **A Dialética: teoria e praxis**. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.
- DEMO, Pedro. Dialética e qualidade política. In: HAGUETTE, Teresa Maria Frota (org). **Dialética Hoje**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- GOULART, Alexander Bernardes. **Comunicação, Telenovela, Globo e SBT: uma relação dialética**. 2003. 228 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- HOHLFELDT, Antonio. **Objetividade: categoria jornalística mitificada**. In: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom, 2001, Campo Grande. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/xxiv-ci/np02/NP2HOHLFELDT.pdf>. Acesso em 11/11/2006.

MEMÓRIA GLOBO (org.). **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

PORCELLO, Flávio Antônio Camargo. **Comunicação, TV e Poder no Brasil – Fait Divers, discurso e ideosfera: Brasil um olhar sobre as eleições de 2002**. 2003. 210 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RAMOS, Roberto José. **Fait Divers**. Artigo utilizado na disciplina Sistemas de Comunicação no Brasil. Faculdade de Comunicação Social (Famecos). Porto Alegre: PUCRS, 2003.

OUTRAS FONTES CONSULTADAS

BEIRÃO, Nirlando. O ônibus do Tigrão. **Carta Capital**, São Paulo, ano XIII, número 407, p. 51, 23 de agosto de 2006.

CARTA CAPITAL. **A trama que levou ao segundo turno**. São Paulo, ano XIII, número 415, 18 de outubro de 2006.

FOLHA ONLINE. **Apuração (1º turno)**. Atualizado em 31/10/2006. Disponível em <http://eleicoes.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/apuracao1.html>. Acesso em 09/11/2006.

FOLHA ONLINE. **Começa hoje operação tapa-buraco em 10,5 mil km de rodovias federais**. Publicado em 09/01/2006. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u75010.shtml>. Acesso em 25/10/2006.

IBOPE. **Pesquisa nacional realizada pelo IBOPE Opinião e divulgada em 27 de setembro**. Publicado em 28/09/2006. http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=6&proj=PortalIBOPE&pub=T&db=caldb&comp=pesquisa_leitura&nivel=2006\Nacional&docid=A446B2354FD9A405832571F70064A9F5. Acesso em 31/10/2006.

LEITÃO, Miriam. **Explicações da economia**. Bom Dia Brasil, 03/10/2006. Disponível em <http://bomdiabrasil.globo.com/Jornalismo/BDBR/0,,AA1296048-3685,00.html>. Acesso em 03/10/2006.

MARONA, Mário. **Jornal Nacional tenta retomar o caminho. De ônibus.** Observatório da Imprensa, 01/08/2006. Disponível em <http://observatoria.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=3921MQ003#>. Acesso em 08/08/2006.

SANDRINI, João. **Pelo 2º ano seguido, Brasil só deve crescer mais que Haiti na América Latina.** Folha Online, 20/10/2006. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u111820.shtml>. Acesso em 21/10/2006

SPITZ, Clarice. **Trabalho infantil sobe 10,3% em 2005, diz IBGE.** Folha Online, 15/09/2006. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u111030.shtml>. Acesso em 16/10/2006.

ZERO HORA. **Votos dividem o Sul e o Norte.** Porto Alegre, ano 43, número 15.013, 2ª edição, p. 19, 04 de outubro de 2006.

SITES CONSULTADOS

Jornal Nacional – www.globo.com/jornalnacional

Blog da Caravana JN – <http://www.caravanajn.globolog.com.br/>

Rede Globo – <http://redeglobo3.globo.com/institucional/>

CRÉDITOS FINAIS

Anexo 1



Logotipo da série *Desejos do Brasil*

Anexo 2



Ônibus da *Caravana JN* na vinheta de abertura

Anexo 3



Mapa do caminho percorrido pela Caravana JN

Anexo 4



Barco da Caravana JN na vinheta de abertura